

BEMVINDA

Roteiro original de José Rubens Siqueira

São Paulo, novembro/dezembro 1979

SEQUENCIA 1

1. Cella de mosteiro, pequena, abafada.

Vê-se parte das paredes laterais, de taipa: na da esquerda parte de um catre coberto de enxêrga rústica, na da direita uma estante de madeira com livros, tinteiro e pena, castiçal com vela pela metade, duas velas novas, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Na parede dos fundos, que fecha o quadro, uma janela central, pequena e gradeada. É noite lá fora. Abaixo dela, à direita, mesa tôasca com dois livros. Um aberto, outro fechado.

Sobre a imagem surgem em fade, pequenas letras brancas:

São Paulo de Piratininga

Brasil

1604

As letras desaparecem em fade-out.

Imediatamente surge de debaixo do quadro, do chão onde estava prostrado, um jovem frei. Abre os braços em cruz, olhos semi-cerrados, profundamente imerso em oração. Murmura:

- Ave Maria, gratia plena, dominus tecum,
benedicta tu immulieribus, benedicto fructus
ventris tuum, Jesu...

Abre os olhos, volta ligeiramente a cabeça. CAM PAN na direção de seu olhar, fechando a zoom sobre a imagem da Virgem na estante.

2. Close do frei que olha a imagem, pára de rezar, respira profundamente, lança a cabeça para trás, dilatando as narinas, imóvel, tenso. Assim fica um instante. Abre os olhos, endireita a cabeça olhando fixamente para a frente, suor porejando da fronte. REza.

- Salve Regina, mater misericordiae, vita,
dulcedo et spes nostra, salve. Ad te clama-
mus exsules filii Hevae. Ad te suspiramus
gementes et flences in hac lacrimarum valle.

Enquanto reza ele se perturba, suando mais e mais, começando a tremer, os braços sempre em cruz, o olhar toldado.

3. De seu ponto de vista: o outro lado da cela: a porta de entrada ao fundo, o resto do catre no canto da parede, uma urna de água no canto oposto. No espaço vazio central um fastasma de luz branca começa lentamente a se formar até que se define: uma imagem de Nos-

sa Senhora toda branca, em tamanho natural, emanando forte luz branca que inunda toda a calea.

4. O frei, hirto, braços em cruz, suor escorrendo pela face, cabeça abaixada, queixo tocando o peito, olhos transtornados de paixão, banhado pela branca luz da aparição, reza:

- Eia ergo, advocata nostra, illos tuos
~~XXXX~~ misericordes oculos ad nos converte.
Et Jesum, benedictum fructum ventris tui,
nobis post hoc exsilium ostende.

5. Close da imagem da Virgem. Lentamente, enquanto ele reza off, ela abre os olhos e um plácido sorriso, fixando o frei.

6. Ainda mais perturbado, em close ele diz:

- Ô clemente, ô piedosa, ô doce sempre
Virgem Maria.

E fixa a imagem tremendo de paixão. Um vento brando agita seus cabelos em silêncio na branca luz da aparição.

7. A Virgem de pé, no meio da cela. O mesmo vento brando sopra sobre ela, levantando o manto diáfano, revelando o corpo de Maria, nua.
8. O vento sopra mais forte, o frei enrijece os músculos e se põe de pé. A zoom abre para revelá-lo inteiro, baixando os braços.
9. A Virgem sorri, seios expostos, braços abertos manto voando ao vento
10. O frei treme o corpo todo, morde os lábios e súbitamente desata a faixa que lhe cobre o quadril e o sexo, cobrindo o sexo com a mão. A zoom fecha novamente para seu rosto. Convulso ele revira os olhos, curvando o corpo para a frente, masturbando-se. Sacode-se em espasmos quase imediatamente, solta um gemido abafado, seu rosto se tórva num gôzo doloroso. Imediatamente a luz branca se apaga e ele tomba para fora de quadro.
- CAM gira sobre si mesma mostrando os 360° da cela vazia e retornando ao enquadramento inicial. O frei torna a entrar em campo, trazendo na mão a corda de amarrar o hábito. Hesita um instante e golpeia com ela fortemente as costas. Contraí o corpo de dor.
11. CAM na mão, ligeiramente trêmula, acompanha de perto todos os seus movimentos. Ele se açõita cada vez mais forte e mais rápido, entoando, contrito e desesperado:

- Alma de Cristo, santificai-me
Corpo de Cristo, salvai-me
Sangue de Cristo, inebriai-me

Água do lado de Cristo, purificai-me
 Paixão de Cristo, confortai-me
 Dentro de vossas chagas, escondi-me
 Não permitais que eu de vós me aparte
 Do espírito maligno, defendei-me
 Na hora da morte, chamai-me
 E mandai-me ir para vós
 Para que com os vossos santos vos louve
 por todos os séculos dos séculos. Amén.

Flagela-se em ritmo crescente, o sangue brotando das feridas,
 CAM girando em torno dele

A música domina sua voz.
 Um trovão ribomba e se repete várias vezes
 dominando a música.

A chuva começa a cair pesadamente dentro da cela iluminada por
 clarões ocasionais de relâmpagos. CAM ~~se~~ abandona o frei e aproxima-
 ma-se da janela. Sai por ela para o escuro da noite.

No clarão intermitente dos relâmpagos e trovões, vê-se a chuva
 que cai e, ao longe, no horizonte fracamente iluminado, o Calvário
 com as três cruzes eretas, CAM se ~~xx~~ aproximando rapidamente dele.
 Entre um trovão e outro a CAM já está em close dos pés de Cristo
 cravados à cruz, sangrando. A luz dos relâmpagos se torna mais e
 mais frequente até que se fixa, branca, dura e recortada, à medida
 que a CAM ~~xxxxxxx~~ sobe, sempre em close, em absoluto silên-
 cio pelo corpo de Cristo crucificado acima até seu rosto. No profun-
 do silêncio Cristo eleva os olhos para o céu, solta um grito terrí-
 vel e pende a cabeça, morto. A luz oscila, ouve-se um trovão formi-
 dável. A luz oscila novamente a cada ralâmpago à medida que a
 CAM volta a descer por seu corpo até seus pés. O frei entre em
 campo molhado de chuva e beija as feridas sangrentas. Escuro.

A música cresce dominando todos os ruídos.

- 12. O chão sêco, de terra batida da cela. O corpo do frei tomba sem
 forças, em close, molhado de chuva e de sangue. Da terra, debaixo
 de sua cabeça imóvel começa a brotar grama. As folhinhas surgem
 umas próximas das outras, tomando todo o quadro.
- 13. Geral da cela; o corpo do frei muito ferido e molhado no centro,
 a grama continuando a crescer por todo o chão, subindo mais alta
 junto das paredes. Quando toda a cela está tomada de vegetação,
 lento fade out.

SEQUENCIA 2

14. Grande porco abatido dependurado de uma vara, oscilando no ar, zoom abre, acompanhando em PAN dois índios nus que conduzem o animal. Passam diante de um galinheiro. ~~o~~ A CAM se detém, os índios saem de campo. Um outro frei está saindo do galinheiro ~~o~~ com um cêsto de ovos, fecha a porta e sai de campo. CAM corrige para mostrar o jovem frei em primeiro plano, avental de tecido rústico amarrado à cintura, de joelhos na terra, cortando pés de alfaces que joga dentro de um cêsto.
- ~~o~~ Ruído súbito fora de quadro, o frei volta a cabeça para olhar e se sobressalta.
15. A porta do galinheiro termina de cair ao chão. As galinhas escapam, espavoridas por um cachorro que late, correndo em todas as direções.
16. O frei se põe de pé, as galinhas correndo em bandos ruidosos em torno. Ele as persegue, rindo, divertindo-se ingenuamente, correndo por toda a horta.
17. Uma galinha que corre. O frei cai sobre ela agarrando-a, de bruços no chão. Senta-se, com a galinha nas mãos e olha para ela, imobilizando suas asas que se debatem.

Ruído contínuo começa a dominar tudo.

CAM se aproxima de seu rosto. O frei perde o olhar ao longe, o sorriso ~~murchando~~ murchando nos lábios, mergulhando em memórias. Lenta fusão para:

SEQUENCIA 3

18. Outro quintal: entre arbustos o frei menino enfia a cabeça de uma galinha debaixo da asa, gira-a no ar. Coloca o bicho no chão, ela fica imóvel. O menino abre a roupa e tira o pintinho pra fora.
19. CAM por trás do menino. Ele enraba a galinha, mexendo o corpúñho desajeitadamente. De repente se sobressalta, olhando para fora de cena. Apressadamente se põe de pé, fechando a roupa e sai correndo de campo abandonando a galinha.
20. Janela alta na parede de taipa caiada. Ao sol brilhante da manhã a mãe, seios fartos despejados num decote, penteando os cabelos muito longos com um pente de madeira, chama novamente. O menino entra em campo apressado e pára debaixo da janela olhando para a mãe. Sorrindo ela lhe dá uma ordem, indicando o interior da casa com o pente na mão. Não se ouvem as vozes. O menino assente com a cabeça e sai de campo. A mãe entra para o escuro do interior da casa.

SEQUENCIA 6

34. Ampla paisagem dos primórdios do Brasil: montanhas ao fundo, matas cerradas, nuvens esparsas no céu anil. A figura minúscula do frei caminha entre os arbustos, ao longo de um riacho. Detém-se e se curva junto d'água.
35. O frei se abaixa junto à margem do riacho, colhe um pouco d'água com a mão e bebe. Ouvem-se gritinhos e risos de mulher fora de campo. O frei levanta o olhar.
36. De seu ponto de vista: na outra margem do riacho, meio encobertos pela vegetação, um casal de índios faz amor, rindo e brincando.
37. Com o gesto paralizado o frei observa longamente, fascinado. Zoom se aproxima lentamente de seu rosto até close, à medida que um zunido contínuo domina os ruídos todos.
Fusão para:

SEQUENCIA 7

38. Interior escuro. Distingue-se apenas uma nêsga de luz na parede, iluminando parte de um crucifixo grande. Abaixo dele um casal faz amor selvagemmente iluminados em pesado claro-escuro. O pai está nu, a mãe com as roupas desfeitas: saia levantada ao ventre, seios enormes para fora do decote, longos cabelos espalhados pela cama.
39. O frei menino se põe sentado na cama e observa a cena. Começa a chorar.
40. Ao grito da criança a mulher interrompe a trepada voltando-se bruscamente. ~~Em~~ O pai continua se movimentando e com esforço ela consegue se livrar de seu abraço. Levanta-se rapidamente, guardando os seios na roupa e sai de campo.
41. O menino chorando em sua cama. A mãe entra em campo e senta-se ao lado dele. Aninha-o entre os seios. Ele pára de chorar. A CAM se aproxima de seu rosto acomodado nas massas de carne suada da mãe. O menino olha de lado, para fora de quadro.
42. O pai nu sentado à beira da cama, observando a cena de ombros caídos, frustrado.
43. Close do menino que volta a aninhar o rosto entre os seios da mãe, que oscila o corpo para frente e para trás, ninando o filho.
Fusão para:

SEQUENCIA 6 (continuação)

44. Close do frei, curvado à beira do riacho, vermelho, suando, olhos cerrados com força, oscilando o corpo para ~~o~~ frente e para trás, reproduzindo o movimento da mãe. Num esforço controla-se, põe-se de pé, enxugando a mão na roupa. E volta-se para partir. Dá dois passos e estaca, apavorado.
45. De seu ponto de vista: pelo capim alto avança uma grande onça pintada, no passo lento e ameaçador do felino que prepara o bote. E pára, olhando fixamente o frei.
46. Paralizado o frei aperta o livro de orações contra o peito, murmurando com voz trêmula:
- Agnus Dei qui tollis peccata mundi,
parce nobis, Jesu.
Agnus Dei qui tollis peccata mundi,
exaudi nos Jesu.
Agnus Dei qui tollis peccata mundi, miserere
nobis, Jesu.
47. A onça imóvel, arqueia lentamente as costas e súbitamente salta no ar, saindo de quadro.

~~Estoura o som de uma flauta indígena.~~

Estoura o som de uma flauta indígena.

SEQUENCIA 8

48. Imagens granuladas, de luminosidade oscilante: ao som da música indígena, índias adolescentes dançam nuas.
49. Close dos seios jovens sacudindo ao som da música.
50. Close das bôndas que passam ao ritmo da música.
51. Close de um rosto que sorri, mostrando os dentes enquanto dança.
52. Close de dentes de felino, cravando-se num pedaço de carne sangrenta.
53. As meninas danças^{em} em grupo.
54. As caras passam em close pela CAM, rindo de dentes à mostra.
55. Dentes que despedaçam a carne sangrenta.
56. Close do sexo nu das meninas passando diante da CAM
57. Close da bôca da onça: a grande língua vermelha lambendo os beijos.
58. Close dos rostos das meninas que passam diante da CAM, rindo.
59. Close dos seios.
60. Close das bundas.
61. Close dos sexos.
62. Close dos dentes na carne.

SEQUENCIA 9

63. Close do frei que dorme, agitando a cabeça de um lado para outro. Ardendo em febre, suado, os cabelos grudados na testa, as marcas da garra da onça cortadas fundo na face. A zoom abre lentamente. Ele está deitado em seu catre, em sua cela. Diante da CAM passa um outro frei que está de vigília, com andar pausado, lendo orações num pequeno livro.

A mesa da cela foi colocada aos pés da cama e está cheia de vidros de remédio, retortas e recipientes com ervas. Ao lado dela um homem de meia idade, meio gordo, ar folgazão, dorme com a cabeça apoiada no braço. É o médico.

O ~~primeiro~~ outro frei vai e vem diante da x CAM duas outrês vezes.

~~fade out~~ fade-out

64. Fade in. O jovem frei dorme pesadamente, os olhos entreabertos, os dentes aparecendo entre os lábios ressecados pela febre que o consome.

Fade out.

65. Fade in. O médico curvado sobre o catre limpa as feridas do peito do jovem frei ainda inconsciente. De pé ao lado dele outro jovem frei segura uma bacia de cerâmica dentro da qual estão depositadas as ataduras sujas de sangue, virando o rosto para o lado, com nojo. O médico deposita na bacia mais um trapo sujo de sangue e é demais para o freizinho. Ele olha o trapo, revira os olhos e cai desmaiado. O médico se volta para olhar, as ataduras limpas na mão e fica um instante indeciso sem saber quem atender. Por fim, com seu ar bonachão, dá de ombros e continua a tratar do jovem frei que dorme sobre o catre, abandonando o fracote desmaiado no chão.

Fade out.

66. Fade in. ~~O jovem frei que dorme pesadamente, os olhos entreabertos, os dentes aparecendo entre os lábios ressecados pela febre que o consome.~~ A parede da cela. Despertando de um salto, o frei entra em campo, sentando-se na cama, soltando um grito breve e assustado. Respira ofegante, queimando de febre e focaliza os olhos.

67. De seu ponto de vista: sua cela. A mesa está agora sob a janela, ~~o médico curvado sobre o catre limpa as feridas do peito do jovem frei ainda inconsciente. De pé ao lado dele outro jovem frei segura uma bacia de cerâmica dentro da qual estão depositadas as ataduras sujas de sangue, virando o rosto para o lado, com nojo. O médico deposita na bacia mais um trapo sujo de sangue e é demais para o freizinho. Ele olha o trapo, revira os olhos e cai desmaiado. O médico se volta para olhar, as ataduras limpas na mão e fica um instante indeciso sem saber quem atender. Por fim, com seu ar bonachão, dá de ombros e continua a tratar do jovem frei que dorme sobre o catre, abandonando o fracote desmaiado no chão.~~ ainda cheia de vidros. E duas figuras surpreendidas por seu grito, olham imóveis para êle, com gestos

suspensos: o médico que tem ✕ nas mãos dois vidros com líquidos coloridos que estava misturando. E o superior do convento, livro de orações aberto na mão.

O prior é o primeiro a se recuperar. Fecha o livro e encaminha-se na direção do jovem frei.

68. O jovem frei deixa-se cair no catre, vencido pelo cansaço e pela febre. O velho prior entra em campo, senta-se à beira da cama e dando a mão a beijar diz com voz sumida e monocórdica:

- Louvado seja Deus.

O jovem frei agarra a mão do superior e beija-a com fervor, mantendo-a prêsa junto ao pescoço. Levantando a cabeça com esforço, diz_

- Padre, eu pequei.

E cai num choro convulso, apertando a mão do velho frade junto à testa.

69. Close do velho que observa impassível, o rosto fino e inteligente entremostrando orgulho e altivez, um sorriso benévolo fixo na cara que observa o jovem através de olhos semi-cerrados.

Sempre em close a CAM desce para o jovem frei que se controla com esforço, enxuga olhos e nariz numa mão enfaixada e com a voz ainda embargada, prossegue:

- Na hora da morte eu tremi.

A voz do velho interrompe, a CAM volta para ele apressadamente:

- Eu te invejo, filho. Ah, doce, bela morte entre as garras de uma fera, criatura do Senhor.

O ruído de vidros que caem corta sua frase, mas o velho prior sequer se volta. Os lábios se contraem brevemente, ele volta a olhar o frei.

70. Junto da mesa de remédios o médico sacode a cabeça, desaprovando gozadoramente a última frase o prior, enquanto enxuga o líquido que derramou na mesa.

71. Close do jovem frei, trêmulo de febre e excitação:

- Mas padre, eu só consegui sentir medo. Medo dos meus pecados, medo do inferno, medo da dor.

Em close a CAM sobe para o rosto álgido do velho padre que diz:

- Somos filhos da dor. Em dor se passa...

A CAM abandona-o e detalha o corpo despido do jovem frei, muito ferido, carnes à mostra, enquanto o velho prossegue:

- ... quase toda a existência. Sofrimentos do corpo, enfermidades da alma, fraquezas,

consumições...

(O médico tem um acesso de tosse, off)

72. Close do jovem frei que tenta levantar-se nos cotovelos, agitado:

- Porque? Porque tanto sofrimento? Só assim pode crescer a minha alma?

CAM abandona o jovem frei, enquadra o velho frei que reage quase imperceptivelmente, com indignação às palavras do jovem frei que prossegue, off:

- Por mais que eu faça para ter paz, nunca minha vida está sem batalha, sem dor. Gasto todas as minhas forças na luta contra os desejos da carne. Fico fraco e caio na primeira tentação.

O velho frei responde na mesma voz pausada e formal, distante;

- Nenhum homem está livre de tentações. Elas existem para nos provar, purificar, instruir, humilhar...

73. Ao lado de sua mesa o médico reage à pieguice do prior oscilando o corpo, enquanto a voz do ~~franciscano~~ velho continua off:

- Não é só pela fuga ou por uma resistência violenta que se vence, mas também por uma paciência sossegada...

74. O jovem frei quase se senta na cama, agitado pela febre e pela conversa, mas volta a tombar. Geme e prossegue:

- Sei que eu preciso ter paciência. Mas como? Nos exercícios espirituais, só consigo sentir sono.

Nas vigílias de oração tenho maus pensamentos.

Não consigo ensinar nada para os índios.

E chego a ter medo de aprender com eles.

Eu quero tomar meus votos e viver na santa religião. Mas não consigo encontrar o caminho...

Enquanto esse fala a zoom vai abrindo do close inicial, revelando o velho frei sentado a seu lado. O prior aproveita a agitação do jovem para retirar a mão. Observa disfarçadamente que está suja de sangue e com estudada calma pousa-a sobre o joelho, para retirá-la imediatamente, acenando um basta ao jovem frei. Na voz ainda mais estudada e pausada, vibra agora uma nítida nota de autoridade:

- Filho, a cada um a sua medida. Não são

todos que servem para trabalhos superiores.

75. Ao lado da mesa, indignado com a última afirmação o médico folgazão bate forte com um vidro de remédio, causando grande ruído.

76. O velho frei prefere não registrar o aparte, aperta os lábios sem sequer olha de lado e prossegue;

- Algumas vezes é preciso descer para coisas mais baixas e suportar a carga desta vida corruptível.

77. Perplexo, perturbado pela febre o jovem frei vai falar, mas deixa pender o queixo. A voz monótona e autoritária continua off:

- Não se pode viver sempre nos mais fervoroso desejo de virtudes e no mais alto grau de contemplação.

Isso a tua juventude vai ter de aprender.

É necessário sobretudo obediência.

O jovem frei fecha os olhos, esgotado.

78. O velho parece ignorar o estado do jovem frei. Dedo em riste, revelando a extrema rigidez que tem por ~~xxxx~~ trás da máscara de benevolência, prossegue:

- Enquanto se vive dentro desse corpo mortal se sente angústias de coração. Busca refúgio nas humildes ocupações exteriores, nas boas obras com os selvagens, no estudo das escrituras que possam esclarecer tua mente.

Mortifica a tua carne e espera com confiança o dia que Deus te livre do pêsp do teu corpo.

79. Close do jovem frei deitado, olhos semi-cerrados, lágrimas correndo pelos lados da face. A voz cruel prossegue off:

- Se tivesses boa consciência não temerias tanto a morte.

Bem aventurado o que tem diante dos olhos a hora da morte a cada dia e se prepara para ela. Para esse, morrer não inspira temor e a morte é benvinda.

Depois de breve pausa o prior acrescenta:

- Oremus.

Sem parar de chorar mansamente, olhos entrecerrados o jovem frei recita em voz muito baixa:

- Confiteor Deo omnipotentí, beatae Mariae semper Virgini, beato Michaeli Archangelo, beato Joanni Baptistae, sanctis apostolis Petro et Paulo, omnibus sanctis et tibi, Pater, quia peccavi nimis cogitatione, verbo et opere: mea culpa, mea uulpa, mea maxima culpa. Ideor precor...

Sua voz desaparece aos poucos à medida que ele mergulha no sono. A mão do velho frei manchada de sangue entra em campo e abençoa-o com o sinal da cruz, saindo de campo em seguida.

Durante longo tempo a CAM permanece em close do jovem frei que dorme imóvel, trahquilo, enquanto a luz diurna se abate, sendo substituída pela luz avermelhada e mortíça da chama de vela. Por fim as pâlpebras do jovem frei começam a tremer e ele desperta. Olha o escuro um instante, ainda suando, respirando com dificuldade. Apesar da febre, estica o braço e alcança o rosário que está dependurado da cabeceira. Começa a rezar passando as contas entre os dedos, junto do queixo, os lábios se movendo automaticamente. Seu olhar se perde no vazio, hipnotizado. Num gesto mecânico e alheio levanta a mão que segura a cruz do rosário e arranha com ela as feridas do rosto. O sangue brota em gôtas, mas o frei não sente nada, olhos fixos, imóveis.

Uma mão forte entra em campo e segura-o pelo pulso, detendo seus movimentos. O frei desperta de sua concentração e olha de lado.

80. De seu ppnto de vista: o médico, sempre meio sorridente, curvado sobre ele, segura-lhe fortemente o pulso, tando na outra mão um copo cheio de líquido esverdeado.
81. O jovem frei não reaje, olhando passivamente o médico que abaixa seu braço ao longo de seu corpo. Dá-lhe o copo. O frei levanta a cabeça e bebe lentamente enquanto o médico limpa as feridas do rosto, desaprovando com a cabeça:

- Tsh, tsh, tsh, tsh...

O jovem termina de beber e entrega-lhe o copo:

- Ahhh, o que é isso?

82. Close do médico que sai ligeiramente de campo colocando o copo sobre a mesa. Curva-se de novo sobre o frei, continuando a limpar as feridas. Olha de soslaio o jovem, brevemente e responde em voz baixa:

- Um pouco de terra, um pouco de ar,

um pouco de fogo e um pouco de mar.

E endireita o corpo, saindo de campo.

83. Close do jovem frei que olha para o médico sem entender.

84. Na luz mortíça das velas que queimam sobre a mesa ao lado da cama, o médico ajeita o banquinho e se senta olhando o frei:

- Já viste o mar?

o frei sacode a cabeça:

- Não.

O médico se acomoda melhor, apoiando as costas na mesa, cruzando os braços sobre o peito. Um meio sorriso brincalhão e misterioso brilha no escuro, enquanto a CAM se aproxima de seu rosto:

- Ah! O mar... é um elemento. Uma mãe das coisas. É sempre o mesmo, sempre o mesmo no seu ser de elemento.

Mesmo que se ponha um pouco do mar numa panela e ferva até evaporar, ainda assim ele não perde nem uma gota.

Não fica menor, não se consome: volta para o cáos. Do cáos volta outra vez para a água e o ~~elemento~~ elemento mar não diminui em nada o seu pêso...

Ele frisa o silêncio, fixando os olhinhos brilhantes no frei.

85. Fascinado o frei febril ~~fixa~~ fixa o médico.

86. O médico continua encarando o frei em silêncio misterioso, um ar maroto brincando na cara. Súbitamente ele corta o clima:

- Agora dorme.

E se acomoda melhor para dormir ele também.

87. O jovem frei acomoda a cabeça e fecha os olhos para dormir.

Mas, curioso e inquieto, torna a voltar o rosto olhando o médico.

88. Ele já está ~~em~~ dormindo, a cabeça pendendo sobre o peito, roncando baixo.

89. O jovem frei sorri, aliviado, intrigado, contente.

Acomoda a cabeça e fecha os olhos.

A zoom abre lentamente revelando todo o canto da cela: catre, mesa com medicamentos, médico dormindo na cadeira, frei na cama, à luz bruxuleante das velas de cera.

SEQUENCIA 10

90. A parede dos fundos da cela (igual a plano 1): pela pequena janela central entra um raio de sol brilhante fazendo a poeira brincar no ar. Ouve-se off a voz do médico:

- ... ainda mais importante foi a influência de meu pai.

91. Sentado na cama o jovem frei, em recuperação, come frutas de uma tigela de cerâmica que tem sobre os joelhos, ouvindo atento. A mesa de medicamentos está agora aos pés da cama, um baú de couro aberto no chão. O médico, junto da mesa, amassa ervas num grande almofariz de louça com gestos vivos, alegres.

- Meu pai era um grande médico. Frequentei durante muitos anos as escolas superiores entre os alemães, italianos e franceses. Busquei também eu o fundamento da medicina. Não me contentei por estudar as doutrinas, os escritos e livros. Dei também por viajar. De Lisboa fui até Granada, viajei pela Espanha, ...

92. **Аххаддхрѣѣ** Ele marca o ritmo da lista de países, girando com força a mō no almofariz:

- ... pela Inglaterra, pela Dinamarca, Prússia, Lituânia, Polónia, Hungria, Valaquia, Transilvânia, os Cárpatos, a Eslovênia...

Dá por terminada a moagem, deixa-se cair sentado no banquinho, enxuga o suor da testa dizendo:

- ... e outros países que não vou enumerar.

Ele apanha um pedaço de pão sobre a mesa, dá uma grande mordida, volta a colocá-lo sobre a mesa, dizendo de boca cheia:

- E em todos os lugares procurei com zelo e aplicação as artes certas e comprovadas da Medicina.

Levanta-se, sempre com o almofariz na mão, curva-se sobre o baú e apanha ataduras limpas. A CAM sempre com ele ã medida que ele caminha para o catre sem parar de falar:

- E não perguntei sō aos doutores. Ah, não. Consultei também os comerciantes de gado, os barbeiros, os médicos, letrados, mulheres e nigromantes sobre tudo o que eles sabiam.

Ao lado do catre ele retira a tigela do frei, o frei se deita, afas-

tando as cobertas. O médico pousa o almofariz sobre a cama e começa a aplicar a massa verde de seu interior sobre as feridas do jovem frei.

- Estive com os alquimistas, passei pelos conventos, vivi entre os nobres e os plebeus, com os inteligentes e com os simples.

93. As mãos do médico aplicam o x unguento verde sobre as feridas do peito do jovem. CAM sob~~re~~ para seu rosto que observa a operação sem dor, atento a tudo.

Levanta o olhar para o médico, com admiração calada e profunda afeição por alguém que o trata bem.

~~XXXXXXXXXXXX~~ CAM PAN para o médico que trabalha silenciosa e concentradamente. Ele sente o olhar do paciente, olha-o brevemente sorrindo e piscando o olho, camarada.

E sai de campo.

SEQUENCIA 11

94. O jovem frei sentado na cama lê concentradamente um livro. Porém, sua mão bate com impaciência nas cobertas revelando o esforço que faz para se ~~XXXXXXXXXX~~ fixar na leitura.

95. Junto da mesa, o médico apanha um vidro, limpa-o com o pano e coloca-o dentro do baú já meio cheio no chão. Apanha outro vidro e enquanto limpa, olha o frei sobre o catre. Sacode a cabeça negativamente. Guarda o vidro no baú e apanha outro. Olha o freinovamente, baixa os braços e sacode a cabeça:

- Tsh, tsh, tsh, tsh, tsh...

96. O frei levanta a cabeça, olhando interrogativamente.

97. O médico pouisa o vidro e o pano sobre a mesa e caminha até o leito, CAM com ele. Pára ao lado do frei, tira-lhe delicadamente o livro da mão, afasta as cobertas com gesto firme.

- Vamos. É hora de levantar.

O frei se surpreende um pouco:

- Já posso?

O médico se curva, colocando o braço do jovem por sobre seu ombro, respondendo:

- Sim, sim, sim... O exercício faz bem.

A CAM abandona-o e corrige para a porta da cela. Ela se abre e o freizinho que desmaiou vai entrar, mas ao ouvir as palavras do médico, que continua falando off, resolve se esconder por trás da porta entreaberta e ouvir.

- Não são os livros, em que se acumula a poeira e que servem de pasto às baratas,...

98x A medida que ele fala a CAM retorna para Médico e frei já de pé, o frei ~~de~~ dependurado do ombro do médico, rosto contraído no esforço, dando o primeiro passo.

98. A cela: a porta entreaberta por trás da qual se percebe o freizinho ouvindo escondido. Sem nada suspeitar os dois passeiam lentamente pelo quarto, o médico prossequindo a lição:

- ... nem as bibliotecas amarradas com correntes que ensinam, mas sim os elementos ~~de~~ da natureza em si mesmos. Esses são os livros.

99. A porta entreaberta; o rosto adunco e cheio de espinhas do freizinho covarde e maldoso, ouvindo admirado o médico que prossegue off:

- O livro da natureza encerra mais ensinamentos que a letra morta de qualquer livro.

Mordendo o lábio de espanto carola ele fecha a porta com cuidado.

SEQUENCIA 12

100. Uma estradinha entre árvores altas, através das quais se vê ao longe o telhado do mosteiro. Ao longo de um muro baixo de pedras irregulares o médico caminha lentamente ao lado do jovem frei que se apóia num pedaço de pau à guisa de bengala. Em sua voz viva, alegre o médico fala:

- Meu pai me levou à natureza, a observar as plantas, os animais...

Detendo-se um momento ele aponta uma orquídea enorme, dependurada de uma árvore.

101. A orquídea na árvore, lindíssima. O médico off:

- Olha essa flor. Uma só já declara tudo, é bastante para dar a conhecer a criação inteira, pois do pequeno se deduz o grande e do grande se compreende o pequeno.

Enquanto ele fala a CAM abandona a orquídea e procura entre os troncos das árvores: entre os arbustos, caminhando escondido e sorrateiro o ~~xxx~~ freizinho espinhento espreita os dois.

~~102. O médico que caminha devagar, ao sol, falando sempre, interessado e interessante com o sol claro da manhã.~~

~~zxFudozēzixiteixozezvixadoxpeltosxekementozx
 0xfoqozxaxzozvaxzozazazāqmaxāoxmāezxzāō
 azzmatvixzszqmezqezvaxzudozxzāōzozvaxzoz
 nazvazvaxvaxzāozexpixixzox~~

102. Close do médico que caminha devagar, ao sol, falando sempre, interessado e interessante com o sol claro da manhã.

- Tudo é inteiro e criado pelos elementos. O fogo, a terra, o ar, a água são mães, são matrizes que geram tudo.

103. Close do jovem frei que caminha, ouvindo, atento, interessadíssimo, despertando para algo que o satisfaz; o médico prossegue off:

- São corpo, mas na sua essência e natureza são espírito.

104. Close do freizinho espinhento que caminha oculto entre as árvores, espreitando. A voz do médico lhe chega um pouco distante, mas ele entende perfeitamente as palavras:

- Não é Deus em pessoa que faz as coisas...

O freizinho estaca, boquiaberto, faz o sinal da cruz, diante do sacrilégio de ouviu. A CAM continua seu ~~xxx~~ TRAV abandonando-o entre duas árvores, à medida que a voz do médico prossegue off:

-... mas sim esse espírito, esse fazedor
que ele colocou ~~dentro~~ dentro dos ele-
mentos.

O freizinho não resiste mais e sai correndo, segurando a batina
femininamente.

SEQUENCIA 13

105. A sala do prior do ~~o~~ convento, simples, sêca, com estantes de livros na parede ao fundo, um enorme crucifixo de pé, ~~xxx~~ numa da pontas da mesinha juncada de papé\$§ tinteiro ~~xxxxx~~, alguns livros pequenos. Por trás da mesinha o prior sentado com seu rosto frio, as mãos cruzadas no peito. Ao lado da mesa, o freizinho espinhento que ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ aponta a pena de escrever e entrega ao prior. ~~xxxxxxxx~~ O velho apanha a pena e se apóia na mesa para escrever. Batidas na porta. Prior e freizinho olham, freizinho sai de campo para abrir.
106. O freizinho abre a porta e o médico entra respeitosamente, acompanhado do jovem frei.
107. Diante da mesa, os dois beijam a mão do prior que não se levanta - limitando-se a pregar na cara o seu sorriso benévolo, entrecerrando os olhos.
108. Médico e frei diante da mesa, freizinho um passo atrás dos dois, olhando arregalado. O médico diz:
- Peço vênia para conduzir o nosso doente até uma fonte minha conhecida, cuja água é de propriedades muito curativas.
109. O prior faz uma pausa, olha o frei.
110. O jovem frei baixa os olhos, incomodo diante do superior.
111. O prior volta o olhar para o médico a na voz pausada e posada de sempre:
- Nosso doente parece já bastante recuperado. Sua medicina foi rápida, uma vez que o senhor não teve nem mesmo o cuidado de enfraquecer o doente.
112. O médico não se intimida tão fâcilmente e mantendo o mesmo brilho ~~a~~ e alegria no olhar, responde não sem certa ironia:
- Minha arte seria inútil sem a ajuda de Deus. Eu sou apenas um instrumento. em suas ~~k~~ mãos.
113. O prior franze os olhinhos, registrando a sagacidade da resposta, mas ~~xxxxxxxx~~ sem comentar e, ~~xxxxxxxx~~ olhando o frei, diz:
- Nosso jovem irmão não me parece carente de maiores tratamentos ~~xxxxxxxx~~ ...
114. O jovem frei, ainda mais incomodado, desvia os olhos para o lado, ~~xxxx~~ mas fica ainda mais intimidado, baixando os olhos. CAM PAN na direção de seu olhar, enquadrando o freizinho ~~o~~ espinhento que o

olha com desdém numa caricatura das sobrancelhas levantadas do prior, enquanto a voz do velho frei prossegue off:

- ... porém, no que tange a questões de saúde e do corpo material, quero crer que que sua palavra de médico deva ser final.

115.0 médico deixa transparecer sua satisfação com a permissão, sorrindo e anuindo ligeiramente com a cabeça enquanto diz:

- Proponho-me a conduzir nosso doente e trazê-lo de volta são e salvo no prazo de dois dias ao seio do convento, para que continue a devotar sua vida aos serviços de Deus nosso Senhor.

116. Desencostando-se da cadeira, sem mudar de expressão o prior diz:

- Amém

e dá a mão a beijar, dando por encerrada a entrevista.

117. Médico e jovem frei beijam a mão e se encaminham para a porta que o freizinho mantém aberta. Depois que eles saem o freizinho fecha a porta e volta-se para o prior, os olhos brilhando maliciosamente num sorriso malicioso.

118.0 prior se encosta lentamente à sua cadeira, sorrindo malignamente por trás das mãos cruzadas, um plano tácito esboçado no olhar ao freizinho espinhento.

SEQUENCIA 14

119. Amanhece em ouro e vermelho sobre as montanhas do Brasil.
120. Lá longe, recortada na face da montanha uma estradinha de terra zigue-zagueia, beirando o precipício. O médico e o frei trotam por ela em seus cavalos. Lenta PAN para revelar, mais abaixo no morro, numa curva anterior da estrada um burrico ~~xxxxxxx~~ trotando. Zoom fecha lentamente: é o freizinho espinhento que segue os dois a distância segura.
121. O médico e o jovem frei atravessam um bosque de árvores frondosíssimas, franjadas de parasitas.
122. CAM sobre o cavalo: pencaas de orquídeas nas árvores, brilhando suas cores na luz coada do sol.
123. Na penumbra verde da floresta um bando de preguiças dependurado dos galhos altos.
124. Uma fileira de araras vermelhas gritando.
125. O médico e o frei atravessam um emaranhado de cipós observando tudo.
126. Uma cobra enorme desliza pelo tronco de uma árvore.
127. O freizinho trotando em seu burrico, assusta-se com o alarido de um bando de macacos.
128. CAM no alto de uma árvore: médico e frei passam lá embaixo.
129. CAM TRAV em cima do ^{cavalo} burrico; a trilha batida no ~~capim~~ ~~xxxx~~ capim alto termina numa pequena clareira. Antes que eles cheguem a ela, surgido do mato, um índio jovem e forte coloca-se no centro do caminho.
130. O médico e o frei detêm os animais imediatamente, olhando ~~x~~ curiosos e cuidadosos.
131. O índio se aproxima deles, arco e flechas na mão. Passa pelo doutor sem olhar e pára decidido junto ao cavalo do frei.
132. Close do índio que encara firmemente o frei, sério. Aos poucos seu rosto se abre num sorriso e ele estende a mão num gesto de branco.
133. Close do jovem frei que olha, perplexo, consulta o médico com o olhar.
134. O médico ~~em~~ virado na cela, sorrindo, incita-o com gesto de ambas as mãos a aceitar o cumprimento.
135. O frei volta a olhar o índio, um pouco temeroso, sem compreender. Estende-lhe a mão que o índio sacode com força excessiva dizendo algumas palavras em tupi. CAM abandona os dois, PAN para a estradinha entre as árvores: detrás de um arbusto o freizinho espinhen-

to apeia do burrico e espia, entre as folhas.

136. Uma grande pele de onça estendida verticalmente entre os troncos de dois arbustos, na clareira. O jovem frei entra em campo, fascinado, lento. Hesitante levanta a mão e acaricia o pêlo.. Agacha-se no chão, levanta a cabeça pesada, moscas em bando esvoaçando em torno. Ainda abaixado olha o índio.
137. O índio avança um passo, CAM corrige, o frei se põe de pé: índio e frei frente a frente diante da pele de onça, os dois da mesma idade, em tudo semelhantes e em tudo diversos. O índio narra brevemente uma história em tupi e entrega ao frei uma flecha partida. O frei pega a flecha enquanto o índio continua falando. Examina-a, fascinado, encara o índio que para de falar. Muito emocionado o jovem frei levanta ambas as mãos e pouasa-as sobre os ombros do índio apertando-o num profundo agradecimento. O índio, diz breves palavras e indica o médico fora de campo. O frei olha.
138. O médico a tudo assiste, sorrindo, segurando na mão as rédeas dos cavalos. O frei entra em campo, seguido do índio. Para diante do médico, mostra-lhe a flecha.
- Foi ele quem me salvou.
- O médico dá de ombros:
- Eu sei. Foi para isso que viemos.
139. O frei olha intrigado para o médico um tempo. Depois pergunta:
- E a fonte?
140. O médico ri, indicando com a mão:
- É mais adiante. Vamos.
- Monta em seu cavalo.
141. O frei olha o médico ainda um instante e monta por sua vez. O índio aproxima-se dele. ~~xxxxxxx~~ Olha-o.
142. Do alto do cavalo o frei olha o índio.
143. O índio olhando o frei, uma espécie de pacto nítido para ambos.
144. O frei estende a mão para o índio. O índio ~~xxxxxxx~~ estende a mão. O frei toma-lhe o braço e puxa-o. O índio salta e monta sobre o cavalo também. O frei atiga o animal.
145. O cavalo ~~xxxx~~ galopa rapidamente pela clareira, diante das árvores: o índio agarrado às crinas, o frei firme nas rédeas. Eles riem, gozando a brincadeira. CAM acompanha o galope num longo TRAV.
146. O médico sobre seu cavalo, observa, ~~xxxxxxx~~ paternal e ri gostosamente.
147. Entre arbustos o frezinho espinhento puxa as rédeas do burrico empacado que se recusa a continuar. O ruído de galope o sobressalta,

148. Close do freizinho que olha, ~~zoom~~⁷ abre na hora que os dois cavaleiros passam diante dele e acompanha-os num ~~xxx~~ chicote.
149. Close do freizinho que acompanha-os com o olhar. ~~xxxxxx~~ Outro ruído chama-lhe a atenção, ele se volta.
150. O burrico, assustado pela passagem do cavalo, corre para dentro do mato. O ~~xxxxx~~ freizinho entra em campo correndo atrás dele.
151. O médico esperando sobre seu cavalo, na clareira. O jovem frei e o índio chegam até ele. O frei controla o animal. O índio desce, sorridente, suado, ofegante. Olha o frei.
152. O frei sorrindo, alegre, afegante, olha o índio.
153. O índio olha para o médico e num gesto súbito, dá um tapa na anca do seu animal que dispara para fora de quadro. O médico grita. Índio e frei olham o animal se afastar e riem. O frei vira o cavalo e segue na mesma direção, olhando o índio, sai de quadro, CAM corrige, centralizando o índio.
154. Frei e médico que se afastam pela trilha, entrando para o mato. O frei olha para trás.
155. CAM sobre o cavalo afastando-se da clareira no meio da qual, imponente o índio observa, diante da pele da onça estendida entre os arbustos. Um galho que se move tapa a visão.

SEQUENCIA 15

156. Uma cascata entre pedras redondas, no meio da mata.

157. Sobre uma pedra da margem o médico e o frei terminam de tirar as roupas. Correção de foco para as folhas que margeiam o quadro em primeiro plano. O freizinho espinhento surge e espreita entre as folhas. Olha em torno.

158. PAN pela mata ao redor do poço d'água: uma das árvores projeta um ~~galho~~ galho grande bem sobre o lugar onde estão o médico e o frei.

159. O freizinho olha de novo para o poço, decide-se e sai de campo. Correção de foco: o frei e o médico já estão dentro da água, ~~XX~~ junto a uma pedra da margem.

160. O frei, meio deitado sobre a pedra, o médico ~~de~~ de pé dentro d'água até a cintura, apanha um punhado de barro do fundo da água e aplica-o sobre as feridas já quase cicatrizadas do peito do frei enquanto diz:

- O homem em sua materialidade, consta de uma quintessência da matéria do mundo: o limo, o barro de que foi feito Adão. Os ~~dois~~ dois elementos mais baixos, terra e água, formam o seu corpo elemental e os dois elementos superiores, ar e fogo, constituem o alento e o espírito.

~~XXX~~ Com a mão cheia de barro, indica com um gesto que o frei se levante. O frei se põe de pé sobre a pedra.

161. O freizinho escala com dificuldade o galho sobre o poço, ouvindo atento.

- O que faz o homem ser homem é o espírito. E assim também com a terra e o céu.

O freizinho se senta sobre o galho, olhando excitado para os dois nus lá embaixo.

162. O médico termina de cobrir ~~o~~ inteiramente o corpo do jovem frei com o barro pegajoso, dizendo:

- Só que, no homem o elemento é um espírito pequeno comparado com a terra e o céu.

E com um gesto da mão cheia de barro, ordena que o frei mergulhe. O frei salta na água. O ~~médico~~ médico volta ligeiramente a cabeça percebendo outra presença e sem olhar para trás, atira uma bola de barro para o alto.

163. Do alto do galho o freizinho espinhento tomba para dentro d'água sol-

tando um grito. CAM acompanha seu movimento, enquadrando o frei que, em primeiro plano se volta para olhar o grande baque na água. O médico, mais longe, estoura numa gargalhada gostosa.

164.0 freizinho surge à tona d'água e nada para a margem, indignado. Sobe para uma pedra sacudindo a água dos braços.

165.0 ~~xxx~~ jovem frei, muito surpreso, nada em sua direção, mas o médico chega até ele e o detém. Os ~~xxx~~ dois dentro d'água, olham o freizinho.

166. Sobre a margem o freizinho torce a ponta da batina, lança um olhar cheio de ódio para os dois e se afasta para o meio do mato.

167.0 médico se volta para o frei e ri, caçoando. ~~Rxxxxxxraddx~~ Preocupado o frei pergunta:

- O que é que ele está fazendo aqui?
Porque é que ele caiu?

Volta-se e chama:

- Irmão...

168.0 freizinho ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ reaparece, montado em seu burrico que trota com pressa.

169.0 jovem frei tenta dar um passo em sua direção:

- Irmão...

O médico o detém:

- Deixa...

E ficam ambos olhando.

170. Pela margem ~~xxx~~ passa o freizinho montado em seu burrico, fervendo de ódio, fixo sobre a cela, sem olhar de lado.

SEQUENCIA 16

171. Uma pequena foqueira brülha entre as árvores, à mergem do poço, o médico e o jovem frei sentados, comendo de tigelas de barro.

O médico limpa a boca na manga e prossegue:

- No homem está contido o jovem céu.

Come um bocado com a colher de pau e prossegue de boca cheia, sempre animado:

- Quer dizer: o homem foi feito depois do céu e da terra, foi feito deles.

172. Close do jovem frei que come, ~~xxxx~~ bebendo cada palavra do mestre-médico que ~~xxxxxxx~~ prossegue off:

- Se assim é, tem de se parecer com seus pais da mesma forma que um menino guarda todas as proporções físicas de seu pai e sua mãe.

Enquanto o médico fala, o jovem frei olha à volta: os ruídos da mata que se prepara para ~~xxx~~ dormir, olha o céu.

~~xxxxxxx~~

173. O panorama diante deles: o poço, além do poço a mata que escurece um vento brando agitando as árvores, acima o céu brilhando com as cores do sol que se põe. A voz do médico off:

- Os pais do homem são o céu e a terra, o ar e a água e ele tem x em si todas as suas maneiras e todas as suas partes sem faltar nem uma pestana.

Lentamente a imagem do ~~xxxx~~ entardecer se funde para x :

174. Mesma tomada: noturna. Apenas se percebe o contonno das árvores contra o céu límpido onde brilha a lua e uma miríade de estrelas.

A voz do médico prossegue off:

- ~~Nam~~ No homem está o Sol, a Lua, Marte, Vênus, Saturno, Mercúrio e todos os signos, conhecidos e desconhecidos

O homem está inscrito no ritmo do mundo de forma que a marcha externa das coisas corresponde à marcha interna e o seu interior ao exterior. ~~Qxp~~

175. Close do frei à luz do fogo bruxuleante, olhando atento e maravilhado. O médico off:

- O pequeno dentro do grande e o grande dentro do pequeno.

~~176~~ Ele se volta para o médico.

176.0 médico atravê das chamas da fogueira, quase irreal, conduz o jovem frei por novos territórios:

- Shh. Agora fecha os olhos. Não pensa, escuta.

Fecha ele próprio os olhos, escutando.

177.0 jovem frei obedece, fecha os olhos ouvindo os ruídos da floresta e a voz do médico:

- Sente a harmonia do mundo. Tudo é um.

Sua voz se cala. CAM se aproxima do rosto plácido e vibrante do jovem frei, atento aos mínimos ruídos da floresta que se aquieta aos poucos mergulhando no zunido contínuo e distante do silêncio.

☒ CAM abandona o jovem frei enquadrando o escuro da noite.

SEQUENCIA 17

178. No escuro brilha a luz vermelha de um fogo de brasas sobre o qual há um cadinho. A voz calma do médico diz:

- Tudo o que é, nunca deixa de ser.

Nada morre no mundo, mas ...

A CAM sobe para o frei que, por trás do fogo, observa os movimentos do médico. Há uma urgência em seus gestos que contrasta com a calma da voz. Pega um pedaço de chumbo que gira entre os dedos:

- ...todas as coisas passam, mudam, se transformam.

Zoom abre para revelar os dois por trás do cadinho. O médico coloca o chumbo no cadinho enquanto diz:

- Essa transformação é a Grande Obra.

A Alquimia. O alquimista nada cria: ele apenas modifica a matéria. Muda a sua forma.

Transforma o que é baixo em perfeição.

179. Close do cadinho: o chumbo derrete-se lentamente numa massa sem forma. O médico fala off, acentuando o tom de segredo e confiança:

- Conheci um homem que ~~passou toda a vida~~ ^{passou toda a} vida ~~em busca da pedra filosofal.~~ em busca da pedra filosofal.

180. Um cristal vermelho, pequeno, brilha entre os dedos do médico.

Ele o envolve em cera amolecida, apertando com os dedos. PAN para close de seu rosto suado que diz:

- Ela é capaz de transformar esse pedaço de chumbo comum no ouro mais fino.

181. Close do frei que observa atento, ~~suando também.~~ suando também.

182. Close do cadinho com o chumbo derretido. A mão do médico entra em campo e joga sobre a massa a bolinha de cera enquanto diz:

- Abre os teus olhos e aprende.

Imediatamente a mistura começa a borbulhar em grandes bôlhas multicoloridas.

183. Close do frei que olha, atônito, boquiaberto, os reflexos cintilantes de todas as cores sobre o seu rosto. A voz do médico diz off:

- Não despreza o teu corpo. Ele é a matéria da Grande Obra...

184. Close do médico que se afasta lentamente, olhando afetuosamente o frei, até mergulhar na escuridão, dizendo:

- ... pois a obra está contigo, dentro de ti,

onde sempre esteve. Ela será tua para sempre: a pedra filosofal, o elixir da longa vida, a sabedoria que vence a morte...

Colpes violentos na porta da cela.

185. Iluminado pelos reflexos multi-coloridos o jovem frei se volta, sobressaltado.
186. A porta do quarto do médico, no escuro. Mais um golpe forte e ela se abre violentamente. Contra o retângulo de luz amarelada vê-se a silhueta do médico recortada. Pela porta entram, alvoroçados seis freis com velas acesas nas mãos e cercam o médico.
187. O médico, tranquilo, encara os jovens freis aprendizes, sorri, sábio.
188. Os freizinhos abrem um espaço: o velho prior avança, mãos cruzadas às costas, olhinhos quase fechados, lábios apertados. Para diante do médico.
189. ~~xxxx~~ Close do médico que sorri, encarando o prior.
190. O prior encara o médico um breve instante, respira profundamente, controlando a ira e na voz pausada e falsa de sempre:
- O senhor abusou da hospitalidade que de coração aberto e em espírito cristão lhe oferecemos.
 - Será mantido a ferros em nosso convento até de manhã e entregue à justiça secular.
191. Sem se abalar em nada, impassível, o médico pergunta, sorrindo:
- E de que serei acusado??
192. Tremendo ligeiramente no esforço para controlar a raiva o prior responde em voz muito baixa, feroz:
- De tráfico com os gentios, de comércio com o demônio, de tentar desviar do seio da Santa Madre Igreja um inocente servo de Deus.
- ~~xxxxxxxxxx~~ Encara o médico do alto de sua autoridade.
193. O médico fixa nele os olhos brilhando de inteligência e sabedoria. Seu sorriso não desaparece. Ele não só sustenta, como prolonga a pausa incômoda e perigosa.
194. Diante da força do médico o prior começa a tremer:
- Nada mais resta a ser dito.
195. Impassível, bem humorado, o médico quase ri, dizendo com voz firme e clara:
- Ah, sim, resta. Declaro-vos eu que com vosso especular e discorrer até o dia do

Juízo, sem aprender, sem ver as coisas e sem o conveniente exercício, nada valeis.

196. Todo o rosto do velho frei se contrai e treme de ódio.

197. O médico prossegue, absolutamente seguro, calmo:

- A sabedoria nasce da experiência. Só é lícito raciocinar sobre aquilo que é natural. E vós... vós não sois em nada natural.

198. O velho prior perde o controle: hirto, pregado ao chão, ele solta um grito que retorce-lhe todo o corpo:

- A ferros! ~~Rxxxxxx~~

199. Assustadíssimos três freizinhos saltam sobre o médico e o agarram. Arratam-no para fora de quadro com um puxão violento.

200. O jovem frei grita desesperado:

- Não!

E se atira para o médico. Mas o freizinho espinhento e um outro o detêm.

201. O prior, tremendo da cabeça aos pés, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ diante da porta aberta, volta-se para o jovem frei, olhos ~~xxxxx~~ semi-cerrados, lábios apertados, terrível. Com dois passos duros, trêmulos ele avança até o frei. CAM com ele.

202. O jovem frei, rosto ingênuo absolutamente perturbado, encara o velho prior, temeroso.

203. O prior o encara agudo e profundo por um instante e com extrema autoridade, mas mais brando diz:

- Para tua cela.

204. Diante do prior, seguro pelos outros dois, o jovem frei baixa a cabeça. Sacode os braços livrando-se dois colegas e caminha cabisbaixo para fora de quadro. O prior e os ~~xx~~ outros dois o seguem o com o olhar. O prior se volta.

205. O cadinho sobre o fogo quase apagado.

206. O prior acena com a cabeça, apertando os maxilares:

- Desmontem a tenda do bruxo.

volta-se para sair. Dá dois ~~xxxxxxxx~~ firmes, CAM com ele: a voz do freizinho espinhento soa, alarmada:

- Padre!

O prior se volta.

207. Os ~~xx~~ dois freizinhos ao lado do fogão, olhos arregalados. O espinhento diz:

- É ouro!

208. Close do cadinho: uma massa informe de ouro puríssimo brilha amarela.

SEQUENCIA 18

209. Grande confessionário de madeira entalhada: CAM avança lentamente.

210. Close do jovem frei por entre as grades. A voz do prior off:

- O saber vulgar em nada vale para a elevação da alma.

Disse São Paulo:

211. ~~xxxxxx~~ Do ponto de vista da jovem frei: o velho prior entre as grades, cabeça baixa, voz monótona:

- "Destruirei a sabedoria dos sábios... Onde está o sábio? onde o escriba? Onde o investigador deste mundo?

Acaso não mostrou Deus que a sabedoria do mundo é insensata?

Para aqueles que foram chamados anunciamos o Cristo como poder de Deus e sabedoria de Deus."

212. O jovem frei através das grades, olha o prior cândidamente. Prior prossegue off:

- Coríntios Primeiro, dezenove
Roga a Deus que ilumine a tua mente e perdoe as tuas falhas. Esquece os cuidados do mundo e examina o teu coração com humildade e obediência.

E com toda a sinceridade faz um exame de consciência profundo.

O jovem frei baixa os ~~xxR~~ olhos. O prior prossegue off:

- Para isso terás nove dias de isolamento em tua própria cela...

O jovem frei levanta os olhos arregalados, assustado com a severidade do castigo. O prior prossegue:

- ...em jejum e abstinência completa, privado da Santa Eucaristia, sujeitando teu corpo à disciplina do cilício.

À medida que o prior fala o jovem frei fecha os olhos com força e mergulha o rosto nas mãos cruzadas.

213. Close do prior na penumbra interna do confessionário. Vira levemente o rosto para olhar o frei. Um esboço de sorriso, malvado, insinuando-se nos cantos dos lábios. E continua:

- Nosso coração se confrange com a severidade da pena, mas esse é nosso dever como confes-

sor e mestre do teu noviciado.

Sõmente depois de cumprida a penitência poderemos te dar a absolvição pelos teus pecados.

214.0 jovem frei levanta bruscamente a cabeça, aterrado. ~~###~~

215.CAM se afasta lentamente do confessional.

Fade out.

SEQUENCIA 19

216. Cela do frei. Vê-se parte das paredes laterais, parte do catre à esquerda e parte da estante na parede à direita. A parede dos fundos, a pequena janela central. Abaixo, à direita a mesa rústica.

Um trovão ribomba inundando de luz branca a janela e a cela. CAM gira sobre si mesma mostrando os 360º da cela vazia e retorna ao enquadramento inicial. De debaixo de quadro o frei entre em campo, trazendo na mão a corda de amarrar o hábito. Hesita um instante e golpeia com ela fortemente as costas. Contraí todo o corpo de dor.

217. CAM na mão, ligeiramente trêmula, acompanha de perto todos os seus movimentos. Ele se açoita cada vez mais forte e mais rápido, entoando contrito, desesperado:

- Alma de Cristo, santificai-me
 Corpo de Cristo, salvai-me
 Sangue de Cristo, inebriai-me
 Água do lado de Cristo, purificai-me
 Paixão de Cristo, confortai-me
 Dentro de vossas chagas, escondi-me
 Não permitais que eu de vós me aparte.
 Dp maligno inimigo, defendei-me,
 Na hora da morte, chamai-me
 E mandai-me ir para vós para que com os
 vossos santos vos louve,
 por todos os séculos dos séculos. Amên.

Flagela-se em ritmo crescente, o sangue brotando das feridas,
 CAM girando em torno dele.

Trovões ribombam a ritmo irregular
 iluminando toda a cela de luz branca.

Por fim o frei tomba sem forças, saindo de quadro.

218. Close do frei tombado, sem sentidos no chão de terra batida da cela, molhado de suor e de sangue.

SEQUENCIA 20

219. Escuro total. Um raio risca as trevas, acompanhado do trovão.
220. Nas trevas que voltam a reinar uma onça salta, voraz, atravessando o quadro.
221. O pêlo da onça, em close, risca o quadro, interminavelmente, num padrão colorido que se repete como um caleidoscópio.
222. E voltam as trevas. Em close, o médico entra em campo, paternal, como sempre, uma lanterna acesa suspensa na mão. Olha a CAM ~~xx~~ subjetiva, sorrindo e chama com a mão livre. Caminha alguns passos alumando a escuridão com sua lanterna, apoiando-se num cajado e fazendo esvoaçar um grande manto negro. Pára, olha para a CAM, sorrindo sempre e volta a chamar com a mão. CAM avança agora em sua direção, mas antes que chegue a ele, sempre sorrindo docemente ele aponta para a direita. Sem deter o avanço a CAM volta-se para a direita, enquadrando ao longe uma figura por trás de um fogo aceso. CAM continua avançando, a figura se define: por trás de uma mesa de pedra onde brilha o fogo, um jovem de extrema beleza, vestido de maneira estranha. Ele sorri, encarando a CAM que se detém diante dele. Coloca sobre o fogo uma tigela grande, verte dentro dela a água de uma jarra. A água ferve fazendo subir uma coluna de vapor azulado. Sobre a água fervente o jovem derrama lentamente a terra vermelha de uma bacia. E sorri, misterioso e conivente com a CAM, aponta o dedo para cima na direção para onde sobe o vapor. CAM sobe pela coluna de fumaça acima até que todo o quadro se tolda com um véu azulado de vapor.
223. O véu se dissipa, revelando sua mãe, agora uma mulher madura, sentada sobre um trono rústico. Também ela sorri, misteriosa, a roupa de véus soltos, revelando os seios grandes, as carnes abundantes como a Natureza. Na mão direita segura dois livros: um aberto, outro fechado e na esquerda uma chave. Entre suas pernas separadas repousa uma escada simples, de madeira que lhe chega ao peito. Depois de um momento de mistério ela fecha os olhos, respira profundamente e a escada começa a subir, como se crescesse do chão. CAM sobe por ela até o fim, lá no alto, quase tocando na ~~lua~~ lua que brilha na noite.
224. Lentamente o círculo amarelado da lua se transforma num rosto feminino. Aos poucos surge, de cima para baixo o resto do corpo da mulher jovem, ~~beííssimã~~, nua, de pé no vazio, as pernas separadas, também sorrindo para a CAM. Num gesto doce ela leva a mão ao seio esquerdo e aperta-o soltando no espaço um fino

jato de leite.

225. O jato de leite esborrifa a escuridão, transformando-se numa miríade de estrelas: a Via Láctea. Durante um tempo luzem as estrelas tremendo na escuridão. CAM desce pelo céu, as estrelas ~~se~~ diminuindo de quantidade.

226. A CAM continua descendo, uma torre de Igreja entrando em campo, CAM descendo ainda até enquadrá-la toda, isolada, flutuando no escuro. Subitamente um raio cruza as trevas e atinge a torre da igreja que explode em fragmentos e começa a ruir misturando-se ao ruído do trovão.

227. Os pedaços de pedra e argamassa caem em primeiro ~~para~~ plano. O prior entra em campo, ~~para~~ em close, braços levantados, protegendo a cabeça da chuva de detritos, o rosto machucado, sangrando. ~~XXXXXXXXX~~ CAM Diante da CAM se detém e lança um olhar odioso de profundo desdém. Uma chuva de pedras cobre-o de quadro e quando termina de cair, volta a reinar o escuro.

228. Uma corda atravessa de alto abaixo o escuro. Ela se retesa e sobe rapidamente. De debaixo de quadro, entra em campo o pé do jovem frei, prêso pela corda e ele desliza para dentro de quadro, rapidamente, como se saísse de dentro da CAM, sendo suspenso no ar de cabeça para baixo. CAM se afasta abandonando o jovem frei que gira, suspenso no vazio, de cabeça para para ~~para~~ baixo, oscilando.

SEQUENCIA 21

229. Close do jovem frei deitado no chão de terra batida de sua cela. Oscila a cabeça de um lado para outro, no ritmo da corda de seu sonho.
Abre os olhos ainda entorpecidos para a luz do dia que inunda a cela. Aquieta-se aos poucos, encarando o teto. Tenta levantar-se mas se contrai de cor. Por fim, num esforço, põe-se de pé, saindo de quadro.
230. A bilha d'água de barro ao canto da cela: o jovem frei entra em campo alquebrado, movendo-se com dificuldade. Curva-se sobre a água e estaca olhando a própria imagem.
231. A bôca da bilha, o jovem frei curvado sobre ela observa concentrado o reflexo do próprio rosto na água.
Hesita e por fim se curva, rompendo o espelho com a bôca.
Bebe como um animal, enfia a cara toda na água, com prazer.
232. Curvado ao lado da bilha, nu, a cabeça enfiada na água o jovem frei fica um instante imóvel. Por fim, levanta a cabeça num gesto súbito, aspirando o ar com ruído, sufocado pela água.
Passa a mão pelos cabelos molhados, colhe água na concha da mão e lava o rosto e o pescoço. Com gestos lentos e extremo prazer e alívio ele lava o rosto, o pescoço, os ombros, o peito.
Põe-se de pé, lava todo o corpo calmamente, observando-se.
233. Close do frei que lava a barriga. O sexo. Durante um instante ele fica olhando o sexo na mão, absorto, mergulhado em si mesmo.
Ruído de chave na porta. ~~xxxxxxx~~
Ele levanta a cabeça, sem tempo de se esconder.
234. A porta se abre e o freizinho espinhento estaca, escandalizado.
235. O jovem frei permanece imóvel, vermelho de vergonha.
236. Os ~~xxxx~~ deis frente a frente. O jovem frei de olhos baixos, o espinhentos ri, maldoso e malicioso. Entrega a bandeja onde há uma jarra de água, ~~x~~ um pedaço de pão e uma fruta. Sai e tranca a porta novamente.
237. O jovem frei ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ olha paralizado para a porta. Sua vergonha se transforma em raiva. Ele atira a bandeja contra a porta soltando um grito e sai de campo.
238. Apanha do chão a faixa de pano e começa a cohrir o corpo. ~~mas x~~ seu olhar depara com alguma coisa.
239. Sobre o catre, o cilício aberto; uma faixa larga de lâ grosseira eriçado de pontas finas de arame.
240. O frei termina de enrolar a faixa no quadril olhando o cilício.

Num gesto brusco ele agarra o cilício e estende-o diante de si, olhando e pensando. Lentamente coloca-o sobre a cintura, experimentando o contato, de leve. Segura as pontas do cinto atrás das costas e súbitamente aperta. Contrai o corpo de dor. Com gestos rápidos, sem dar-se tempo para hesitar, amarra o cilício na cintura, apertando mais e mais, bufando de dor, os músculos tensos, tremendo.

242. Caminha pela cela como um bicho enjaulado, a CAM em cima dele sem deixar que escape. Ele bate na parede com o punho cerrado. Solta um grito, sacode a cabeça. Cai.
243. De joelhos, junta as mãos com força e reza em voz muito baixa. Automaticamente as mãos vão para o cinto, mas ele luta contra a vontade de tirá-lo. Ao invés de tirar, golpeia o cilício com as mãos fechadas. Grita de dor e cai ao chão.
244. Quase desfalecido o frei rola no chão e sai de quadro.

SEQUENCIA 22

245.0 frei rola na terra, CAM acompanha-o em close e abre a zoom rapidamente. O frei tomba ribanceira abaixo, CAM com ele.

Cai dentro de um buraco.

246.0 jovem frei se recupera da queda e recua aterrado: um esqueleto ainda em putrefação ali jaz a seu lado. Uma sombra se projeta sobre eles, o frei olha para cima, encolhendo-se no canto.

247. De seu ponto de vista: um vulto ameaçador curvado sobre a boca da cova, recortado contra a luz fortíssima do céu de sol claro. Uma longa barba branca esvoaça, entrando e saindo da luz. Sua voz aterradora, soa:

- Vê esse esqueleto mirrado e corrupto.

Eis quanto ~~x~~ resta dum homem que há pouco tempo não pensava na morte mais do que tu pensas hoje. Resta ainda alguma coisa daquele homem. A terra ainda não o escondeu todo inteiro.

248.0 jovem frei se encolhe mais em seu canto, olhando o corpo semi-carcomido. Olha para cima, a voz soa off:

- Ele tinha uma ~~alma~~ alma. Onde está ela? Ou no céu em glória ditosa. Ou no inferno sem esperança de alívio.

249.0 velho se curva ainda mais, agigantando seu vulto, ainda mais aterrador:

- Em vista disso atrasarás ainda a tua conversão? Esse tempo de que abusas vai fugindo diante de ti enquanto dizes sempre amanhã, amanhã, amanhã...

250. Close do frei aterrado, pressionando a cabeça contra a terra.

251.0 velho à boca da cova se põe de pé lentamente, a luz do sol por trás dele fazendo surgirem manchas irisadas em torno de sua figura.

- Antes que te vás à terra da escuridão e da sombra da morte, castiga a tua carne e aprende os segredos dos caminhos de Deus para aprender a morrer todos os dias, para que a tua morte seja o começo da verdadeira vida.

Enquanto fala ele se abaixa e o sol por trás dele se decompõe em cores no quadro.

252. À luz do sol forte o jovem frei ~~px~~ protege os olhos com os braços dobrados sobre o rosto e se põe de pé. Imediatamente a enorme sombra se projeta de novo sobre ele e um monte de terra o derruba sobre o esqueleto. Ele luta para se aprumar de novo, mas mais terra cai sobre ele e o derruba outra vez. Ele luta, mas a terra avermelhada cai mais e mais, cobrindo-o quase inteiro.

SEQUENCIA 23

253. Caído no chão, rescostado no catre, o frei ainda vestindo o cilício abre os olhos entorpecidos. Os lábios sêcos ele olha de lado.

254. No chão a tigela e a jarra quebradas, o pedaço de pão e a fruta esborrachada sujos da terra úmida.

255. Debitado ele tenta alcançar o alimento e tomba. Retesa o corpo para evitar que o cilício toque no chão. Arrasta-se um pouco. Apanha a fruta e o pão e morde vorazmente os dois, mastigando a bôca muito cheia.

Depois de poucos bocados seu corpo se contrai. Ele se curva para a frente e vomita tudo no chão. Repousa na cama, com cuidado para não toaar no cilício. Deita a cabeça para trás, ~~xxxx~~ fecha os olhps. CAM se aproxima de seu rosto.

Uma mão de punhos rendados entra em campo com um cálice de vinho. O Frei abre os olhos, endireita a cabeça e olha surpêso.

256x~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~

256. De seu ponto de vista: envolto em cintilações multi-coloridas um nobre do século XVIII, cabeleira branca, rosto empoadado, uma pinta no queixo, carmim nos lábios e nas faces sorri para ele, oferendendo-lhe o cálice.

Endireita o corpo.

257. O corpo do nobre cruza o quadro em primeiro plano. CAM fica em close do jovem frei ~~x~~ alquebrado que o acompanha com o olhar.

259. O nobre caminha pela cela com desenvoltura em direção à mesa nos fundos. Sobre ela há uma lauta refeição servida em baixelas, com talheres de prata, copos de cristal, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ candelabros acesos sobre uma toalha de renda. O nobre dá volta à mesa olhando e sorrindo para o frei. Senta-se e ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ e chama-o com a mão, indicando o outro banco.

O frei entra em campo, caminhando com dificuldade, o corpo todo esticado para evitar ao máximo a dor do cilício. Senta-se diante do nobre.

260. De seu ponto de vista: o nobre que sorri para ele, as mãos cruzadas diante do queixo. Abandonando o nobre PAN pelas iguarias servidas sobre a toalha rendada.

261. O frei volta a olhar o nobre. Está alquebrado, tonto, confuso.

262. O nobre o encara e ri. Com gestos afetados serve vinho em ambos os cálices. E diz em tom casual, como numa festa:

- No ventre de uma puta judia, no meio de uma pocilga se anuncia o teu Deus que vem

salvar a terra.

Mal aparece e sua loucura começa por fazê-lo dizer ser o filho de Deus e igual a seu pai.

Apanha uma ave assada, dourada e gordurosa e morde a carne do peito. De bôca cheia prossegue:

Associa a essa aliança um ~~pa~~ outro fantasma a quem chama Espírito Santo e essas três pessoas, assegura, não são mais que uma-
 Ri, deliciado consigo mesmo, tapando a bôca com a mão. Toma um gole de vinho.

263.0 jovem frei acompanha seus movimentos de bôca aberta. Engole em sêco.

264.0 nobre se cansa da avezinha e pousa-a no prato. Respira fundo enquanto limpa os dedos no guardanapo rendado e sempre olhando diretamente a CAM:

- Foi para nos salvar, afirma o imbecil, que se fêz carne. E os milagres que vamos vê-lo operar depressa convencerão disso o mundo.

Serve-se de mais vinho e apesar do copo do frei estar ainda cheio verte mais vinho, fazendo o cálice transbordar, manchando a toalha.

- Numa ceia de bêbados o vigarista transforma, ao que se diz, a água em vinho.

Bebe em grandes ~~x~~ goles e serve-se de mais.

Um de seus camaradas se finge de morto e o nosso impostor o ressucita.

Bebe mais e volta a servir-se.

Truques de mágica de que se envergonharia o pior charlatão de nossos dias.

Com um gesto de mão indica a cela.

265. Penosamente o jovem frei se volta para olhar.

266. De seu ponto de vista: sobre as paredes de taipa rústica luzem espelhos de molduras douradas, candelabros com velas acesas, consoles Luís XV com estatuetas e porcelanas.

267. Perplexo o jovem frei se levanta e sai de campo.

268. Caminha com dificuldade por causa do cilício e coloca-se entre os espelhos que repetem ~~xxxxxxx~~ sua imagem num corredor infinito. Olha de um para o outro enquanto o nobre diz off:

Não escreve nada, dada a sua ignorância e fala muito pouco, dada a sua estupidez.

O jovem frei volta-se para o nobre.

269. De seu ponto de vista: o nobre, bastante embriagado senta-se sobre a mesa, com o copo de vinho na mão e continua, olhando diretamente para a CAM:

- Cansando por fim os magistrados, o charlatão faz-se crucificar.

270. O frei se volta novamente para o espelho.

271. Sua imagem no espelho, a faixa de pano cobrindo o quadril manchada de sangue, o cilício na cintura, o corpo alquebrado, suado, sujo de terra e de sangue. Ele se aproxima do espelho lentamente enquanto o nobre prossegue off, embriagado:

- O senhor seu Pai, o Deus sublime de quem ousa dizer que descende não lhe dá o menor socorro. Seus seguidores embriagam a guarda, roubam o corpo e espalham que ~~xxxx~~ ressucitou.

Diante do espelho, em close o jovem frei se observa, movendo as mil imagens a cada movimento seu. Levanta a mão hesitante e toca o espelho, depois toca o próprio rosto, examinando-se com profunda atenção.

- O feito é tão pouco digno de ser transmitido que nenhum historiador o relata. Só os discípulos desse impostor pensam em tirar partido do golpe. É a história de ~~xxxx~~ todos os êrros.

O frei se volta para olhar o nobre.

272. De seu ponto de vista: absolutamente embriagado, deitado sobre a mesa ~~xxx~~ apoiado no cotovelo, o nobre gesticula:

- Instituem-se ritos exóticos sob o nome de sacramentos. Dos quais o mais abominável é ~~xxx~~ aquele pelo qual...

Bate num candelabro que cai sobre a mesa. A toalha se incendeia, as chamas se espalhando aos poucos, enquanto ele prossegue, indiferente:

- ...um padre, ~~xxxx~~ manchado de crimes, possui pela virtude de algumas palavras mágicas o poder de fazer entrar Deus num pedaço de pão.

~~xxxx~~

273. O frei torna a voltar o rosto para o espelho, iluminado pela luz das chamas que aumenta de intensidade. Afasta-se lentamente do espelho,

movendo as mil imagens, CAM com êle zoom para seu rosto, ele se volta na direção do nobre.

274. A mesa é agora uma grande fogueira, no meio da qual brilham ainda os olhos do nobre, rindo extremamente cínico.

275. Close do frei que reage à ~~xxx~~ visão com extremo desagrado. A voz do nobre sôa ainda, off:

- Jura que jamais pensarás nesse Deus, que nunca mais te ocuparás dele...

O frei tapa os ouvidos, mas a voz continua ecoando pela cela ~~xxxx~~ iluminada pelo fogo:

- ... que nunca mais o chamarás em nenhum momento de tua vida e que nunca mais voltarás para êle, enquanto vivas. Jura. Jura. Jura.

O frei se põe de joelhos, CAM com ele sempre em close à luz bruxuleante das chamas. Junta as mãos e reza contrito, do fundo do coração:

- Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Enquanto ele reza a luz das chamas se decompõe em reflexos multi-~~xxxx~~ coloridos.

E em Jesus Cristo, um só Senhor, Filho de Deus unigênito, nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro.

CAM se afasta de seu rosto para revelar que ele está ajoelhado em campo aberto, sobre a relva verde, a lua brilhando num crescente finíssimo no céu que entardece.

- Gerado não feito, consubstancial ~~xxxx~~ ao Pai, por quem todas as coisas foram feitas. O qual por nós homens e para nossa salvação desceu dos céus e encarnou-se pelo Espírito Santo na Virgem Maria e se fêz homem.

Enquanto ele reza o céu escurece e criva-se de estrelas.

Foi também crucificado por nós, padeceu sob Pôncio Pilatos e foi sepultado. Ressucitou ao terceiro dia e subiu ao céu onde está assentado à direita de Deus Pai.

As estrelas desaparecem e na escuridão brilha uma faixa de luz dou-

rada, enchendo aos poucos todo o espaço com luzes vermelhas e douradas num transporte sagrado.

- E novamente há de vir com glória a julgar os vivos e os mortos e seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo, Senhor e vivificador, que procede do Pai e do Filho, que com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado e que ~~falou~~ falou pelos profetas. Creio na Santa Igreja...

Súbitamente ele pára de rezar. As luzes se apagam de chôfre.

276. Close do frei, perplexo, incapaz de ~~pronunciar~~ pronunciar as palavras. Num esforço tenta novamente:

- Creio na

Uma fôrça interior o impede de professar a fé na Igreja. Ele luta e tenta, sem convicção:

- Creio na Santa Igreja, uma, católica e...

Mas em vão, é incapaz de pronunciar as palavras.

277. Põe-se de pé no centro da vela que tem novamente o mesmo aspecto de sempre. Olha o próprio corpo ferido e alquebrado. Arranca o cilício e atira-o para longe, revelando a carne macerada, roxa, coberta de placas de sangue sêco e sangue vivo. Instintivamente, com uma nova vitalidade nos gestos, lambe a mão e passa a saliva nas feridas. Um sininho tilinta. Ele pára o gesto em suspenso e escuta. O sininho volta a soar. Ele se volta.

278. Close do frei que se volta, o rosto novamente iluminado por reflexos irisados, ele observa imóvel.

278x2

SEQUENCIA 24

279. Vestindo jeans e camiseta sem mangas o mesmo jovem que manipulava os elementos do sonho do frei, brinca agora com uma máquina de flipper, diante da porta, fazendo soar os sininhos.

280. O frei olha para ele, surpreso, mas sem medo:

- Quem és?

281. O jovem encara o frei (olhando diretamente para a CAM), sorri levemente, ouve-se sua voz sem que ele mova os lábios. CAM avança muito lentamente para ele:

- Eu sou o corpo que a mente despreza.
Sou lama sob os pés, sou a semente que
não brota, água que não sacia, ~~xxx~~

282. CAM se aproxima lentamente do rosto do frei que olha fixamente.

A voz do rapaz soando off:

- Em mim ~~xxx~~ dormem todos os vícios e
a força das paixões.
Não sou norte, nem sul.
Não sou ~~xxxxxxx~~ centro.
Não sou.

Já em close o frei murmura, contido, com íntimo terror e admiração:

- Satanás!

283. Em close o ~~xxx~~ rapaz acentua o sorriso:

- Não. Satanás não vem a ti, como o teu
Deus não vem a ti.
Só eu existo, sem ser, eterno movimento.
Antes dps séculos. Aqui, agora.

Num gesto tranquilo ele volta a jogar, dando as costas para o frei. Volta a cabeça, olha o frei e indica com gesto de cabeça o painel da máquina de flipper, brilhando em luzes coloridas.

284. O jovem frei volta-se para olhar o painel, as luzes coloridas projetadas sobre seu rosto, como imagens de um caleidoscópio.

285. O rapaz torna a olhar para o painel, continuando a falar. CAM mergulha para o painel de luzes indistintas que aos poucos se definem:

- E depois. Quando hordas de bípedes semi-
conscientes tiverem esquecido de tudo, reu-
nindo-se em torno de grandes lagos salgados,
fontes pútridas, campos áridos, ocupados
apenas em devorar uns a carne dos outros...

As luzes se definem num lento e longo TRAV da praia de Ipanema em

- dia de verão, os corpos semi-nus dos banhistas caminhando, sorrindo, tocando-se, comendo, bebendo.
286. Close do frei que olha, as luzes brilhando quase caleidoscópicas sobre seu rosto.
287. O painel da máquina: a CAM volta a mergulhar nele enquanto as imagens trucadas, granuladas, incertas se sucedem aterradoras:
288. um grande trator amarelo, como um monstro pré-histórico devora enormes bocados de terra contra o céu azul.
289. CAM muito baixa, na penumbra do entardecer: uma fila de carros como monstros de olhos brilhantes, acelera e ~~xxx~~ avança e recua, avança e recua, detidos pelo sinal fechado e por fim avanças, ferozes, numa fila infindável, a velocidade crescendo até que suas luzes são apenas riscos na tela.
290. Close do jovem frei: os riscos de luzes projetados sobre seu rosto, piscando em luzes de muitas cores. Tonto, confuso, êle fecha os olhos para afastar a visão.
As luzes desaparecem lentamente.
291. De pé, sôzinho no meio da cela, o frei recobra alento. Olha em torno, brevemente, deixa-se cair sentado sobre o catre, pensando.
CAM se afasta ~~ainda mais~~ para isolá-lo lá ao longe..

SEQUENCIA 25

292. Escuro. PAN enquadra a chama de uma ** vela em close.

PAN continua pela mesa onde há algumas folhas de papel, tinteiro e pena, continuando ainda até enquadrar o jovem frei sentado à mesa, mergulhado em pensamentos.

Volta a cabeça, olha a janela.

293. De seu ponto de vista_ pela janela brilha a lua cheia por trás de nuvens tênues que passam no céu claro da noite.

294. A mesa em primeiro plano, o frei sentado atrás. Ele volta o rosto, olha os papéis, a vela. ** Num gesto calmo levanta a mão sobre a chama da vela e aguenta um longo tempo.

Retira a mão e enquanto a CAN fecha para seu rosto ouve-se sua voz off:

- Não. A *** mortificação da carne não é alívio.

Meu corpo se educa e recebe a dor e o prazer com a mesma indiferença.

Reflexos coloridos como um caleidoscópio começam a brilhar sobre seu rosto.

- Tenho medo da morte e por isso não consigo sentir ** minha alma imortal.

295. Imagem trucada, granulada, de luminosidade e movimentos incertos: a multidão de rostos das pessoas na rua XV de novembro desfila diante da CAM enquanto a voz do frei soa off:

- Vivo suspenso entre meu corpo e minha alma, entre o céu e a terra, entre o material e o espiritual.

O que é que eu sou? O que é a minha alma?

O que é Deus?

296, até

316. Sequência de breves depoimentos de populares respondendo à pergunta: O que é Deus?

317. Close do frei em sua cela, profundamente concentrado. As luzes multi-coloridas desaparecem lentamente. Seu rosto se ilumina, sua mente clareia. Ele compreende finalmente:

- Sou corpo, mente, coração...
e uma vontade.

Tudo é um.

Apressado, excitado ele pega a pena, passa a mão pelo rosto, ansioso e escreve fogosamente enquanto sua voz prossegue off:

- Meu corpo é a terra.

A água meu sangue, meu coração e sentimentos.

Minha alma, minha mente, o ar de meu alento.
Minha vontade, o fogo que me faz querer
viver mais alto.

CAM desce em close por seus braços, para suas mãos que escrevem febrilmente e abre lentamente para enquadrá-lo todo, curvado sobre a mesa, rabiscando com a pena que arranha o papel com ruído.

- Procuo aquela chama de Amor Divino,
sarça ardente que queima sem consumir
alumando a escuridão, clareando um caminho para tudo ser um só.

Eu e o mundo uma coisa só, a Grande Obra de Deus.

Ele levanta a cabeça do papel e olha à frente, olhos cheios d'água na emoção da descoberta. E conclui:

- Meu corpo é a matéria dessa obra.

Olha para a janela.

318. A janela: um raio de sol da manhã entra por ela iluminando a cela.

319. A cela toda, o frei sentado à mesa.

Volta a cabeça para a porta. Cheio de uma nova vitalidade, levanta-se, atravessa a cela em passos largos.

320. Para diante da porta e tenta abri-la. Ela está trancada por fora. O frei olha em volta, agitado. Passa a mão pela porta, atira todo seu peso contra ela, uma, duas, três vezes. A porta não se abala. Ele olha à volta de novo, sai de campo agitado.

Volta a entrar em campo com o banquinho na mão e golpeia a porta como um aríete, com toda a sua força, grunhindo e gemendo, agitado. A porta cede e cai da dobradiça superior. Ele a agarra e derruba o resto.

~~Sai~~ Sai para o corredor, olha de um lado, de outro. E caminha apressado para a direita, sumindo por trás da parede.

SEQUENCIA 26

321. Exterior do convento. O jovem frei sai pela porta e olha de ambos os lados, rindo leve e feliz com a liberdade que conquistou e caminha, saindo de quadro.
322. O pátio de terra batida, circundado por árvores. Um cortejo avança por ele: o prior à frente, ~~xxx~~ paramentado para missa, conduzindo o cálice ~~xxx~~ consagrado coberto, o freizinho espinhento vestido de coroinha a seu lado oscilando um ~~xxx~~ braseiro *tribulo* fazendo voar nuvens de incenso. Os outros freis seguem atrás, contritos e por último os índios desordenados, ~~x~~ submissos e alheios. A zoom abre, o frei entra em campo em primeiro plano de costas para a CAM e estaca olhando o cortejo. O primeiro a perceber o frei é o espinhento que estaca boquiaberto. O prior olha para ele, estaca também e olha na direção de seu olhar. Todos encaram o jovem frei imóveis. O jovem frei avança para eles. Pára diante do prior, os índios avançam e cercam o grupo.
323. ~~x~~ Close do jovem frei que olha o prior sem medo, nos olhos.
324. O prior, com as mãos ocupadas segurando o cálice coberto encara-o percebendo a mudança que se operou nele.
325. O jovem frei olha o freizinho, passeia o olhar por todos.
326. O grupo, inexplicavelmente estático olhando o jovem frei.
327. O jovem frei encara o prior novamente e sorri. Num gesto ~~xxx~~ súbito puxa o hábito e tira-o por cima da cabeça.
328. Os índios riem alto mostrando os dentes.
329. O grupo todo reunido no pátio: diante deles o frei tira todas as roupas e deixa-as ~~xx~~ no chão. Todos observam imóveis, perplexos. Os índios riem, ~~xxxxxxx~~ fecham a roda em torno dele.
330. O frei nu, cercado pelos índios que riem sem parar, tocando seu corpo com ingênua curiosidade. O frei ri, deliciado e olha na direção do prior. Ele passa em primeiro plano, seguido dos freis todos, andando rapidamente. O jovem frei acompanha-os com o olhar, rindo, leve.
331. Os freis avançam pelo pátio, sumindo atrás da esquina do prédio, o espinhento fica por último, volta-se para trás numa última olhada mordendo o lábio e some também por trás da parede.
332. O frei olha os índios à volta dele e sai do meio do grupo.
333. O jovem frei caminha, nu, natural como um índio pelo caminho de pedras, as árvores ao fundo.

Lenta fusão:

SEQUENCIA 27

334.0 jovem frei caminha nu, natural como um Índio pelo calçadão da rua 24 de Maio, diante das fachadas das lojas e bancos, no meio da multidão. Ninguém se volta para olhar para êle.

335.0 jovem frei caminha em direção à CAM, no meio das pessoas. Veste jeans, camisa comum, tênis, uma grande bolsa pendurada do ombro.

A zoom abre, à medida que ele avança entre as pessoas, entre os prédios altos.

Ele chega à esquina da Av. Ipiranga e segue, caminhando junto ao meio fio.

336. Plano próximo do jovem frei que caminha. A buzina de uma moto insiste e ele se volta para olhar.

~~337. Parado junto ao meio fio, o Índio (o mesmo que matou a onça) montado em sua moto acena-lhe com a mão.~~

337. De seu ponto de vista: do outro lado da rua, contra as árvores da Praça da República, parado junto ao meio fio, o Índio (o mesmo que matou a onça) montado em sua moto acena-lhe com a mão.

338. Frei responde o aceno sorrindo.

339. Frei olha de ambos os lados e atravessa a rua correndo dos carros. Coloca as mãos sobre os ombros do Índio, cumprimentam-se. Ele monta na moto e saem com ruído.

SEQUENCIA 28

352. Índio e Frei cavalgam uma moto pela avenida sem muito movimento, Índio pilotando, Frei atrás. ~~XOMXX~~ Longo TRAV acompanha os dois.
353. Plano próximo dos dois que param num sinal vermelho, entre os carros. Ouve-se a Fantasia Coral de Beethoven, misturada ao ruído do trânsito. Frei olha em tórno, procurando e fixa um carro à sua direita.
354. De seu ponto de vista: dentro de um Fiat vermelho, de onde vem a música, imóvel à direção uma mulher de seus trinta anos, fascinante e misteriosa, olhando à frente. Seu rosto é vagamente familiar.
355. Close de Frei que olha hipnotizado, zoom se aproximando dele.
356. De seu ponto de vista: zoom fecha lentamente sobre a mulher enquanto a música cresce e desaparecem todos os outros ruídos. Lentamente, desde outra realidade ela volta o rosto para Frei e sorri. Desvia os olhos para Índio, sua expressão se transforma num reconhecimento. Ela toca a buzina, quebrando o encantamento e trazendo de volta os ruídos do trânsito que se misturam à música.
357. Frei e Índio sobre a moto, Frei olhando extasiado. Índio se volta e olha para ela também, abre um sorriso e cumprimenta, alegre:
- Maya! Você chegou!
- O sinal abre, ele acelera.
358. Ela sorri, acena com a mão para Índio, engata a marcha e acelera.
359. A moto e o carro correndo lado a lado um tempo. O carro vai para a esquerda, a moto entra para o túnel da av. Paulista.
360. Índio e Frei correndo na moto debaixo do túnel da Paulista.
361. Close de Frei, ainda sob o impacto da visão da mulher, o vento nos cabelos. O sol súbitamente brilha sobre ele, enquanto eles saem do túnel.

SEQUENCIA 29

362. Giram as formas coloridas de um caleidoscópio.

363. Frei gira o caleidoscópio diante do olho e coloca-o de lado.

Apanha um tubo vazio e rapidamente manipula três tiras de espelho, alguns cacos coloridos, compondo mais um caleidoscópio. CAM documenta tudo acompanhando de perto.

PAN abandona a mesa diante dele, repleta de bric-a-brac, mostrando o grande estúdio dividido em vários ambientes: almofadas pelo chão, uma longa mesa colocada para três pessoas e um canto que é um fundo infinito branco, repleto de grandes quadros que mostram figuras isoladas, nuas, em cores brilhantes, fortemente sensuais. Índio, diante de uma grande tela no cavalete, trabalha num quadro pela metade. Em volta dele há tripês de luzes e de câmeras fotográficas, fios, etc..

364. A jovem mulher de Índio sai da porta da cozinha com uma garrafa na mão e copos. PAN com ela que caminha até a mesa.

Zoom abre enquanto ela se senta, mostrando Índio e Frei que já estão sentados. Ela serve o vinho para os três enquanto Índio fala, depois de engolir a comida:

A gente sempre ama o próprio corpo acima de tudo. O corpo é a fonte, o instrumento de tudo. Olhe o gato.

Ele aponta com o pauzinho, uma vez que a refeição é macrobiótica, servida em tijelas.

365. O gato, aninhado numa almofada, lambendo as patas. Índio prossegue off:

- Ele passa o dia inteiro lambendo, tratando do corpo.

Se o corpo dele pifa, êle pifa.

366. Índio come com os pauzinhos de sua tijela:

- E ele sabe disso. No oriente eles ainda sabem disso. Tudo no mundo é ying e yang.

CAM PAN lentamente para a mulher que come, ouvindo, calma. Índio off:

- O corpo também. O corpo e o mundo são uma coisa só. Tudo é sagrado, a vida é como um ritual.

PAN prossegue, lenta, para Frei que come com dificuldade com os pauzinhos. Índio off:

- Mas aqui, no ocidente a gente se esquece que o ~~corpo~~ corpo é sagrado. A gente vive em

função do corpo, querendo o prazer e ao mesmo tempo sentindo culpa por causa disso.

367. Índio come mais um bocado e continua, animado:

- Tem uma divisão entre o corpo e o mundo. Eu de um lado, o mundo de outro.

Ele olha de lado, aponta com o pauzinho e torna-se progressivamente irônico:

- Foi esse aí que inventou essa divisão.

368. Um retrato antiga na parede, montado sobre madeira, os círculos de um alvo desenhados por cima, quatro dardos espetados sobre ele.

CAM se aproxima lentamente do jogo, enquanto Índio prossegue off:

- O senhor René Descartes. Ele era um moço rico e muito inteligente nos idos de 1600. Botaram ele pra estudar num colégio de padres e ele ficou com muito medo do Diabo - O Diabo era a carne, o corpo. Deus era a alma, a razão

369. Frei ouve, sorrindo. Come um bocado, olhando o Índio que fala off:

- Daí, como ele era rico e tinha tempo pra perder, sentou a bunda na cadeira e começou a pensar.

Frei se volta para o retrato.

370. O retrato de Descartes na parede. Índio off:

- Pensou, pensou, pensou e um dia disse aquela famosa frase - Penso, logo existo. E ainda disse em latim - Cogito, ergo sum. Muito chic.

371. Os três à mesa, riem. Índio continua:

- E então o homem do ocidente virou mente, virou razão. Não mais um organismo inteiro, mas sim um eu isolado vivendo dentro de um corpo. A mente, a razão separada do corpo.

Índio afasta a tigela e se afasta, saindo de quadro sem parar de falar, enquanto a mulher empilha as tigelas e tira a mesa.

- E deu no que deu. Essa confusão toda que a gente tá vivendo hoje. O espírito tem várias funções diferentes, bem separadinhas uma da outra.

Ele volta a entrar em campo com uma caixinha na mão e senta-se

em seu lugar, sem para de falar. Sua mulher sai com as tijelas, Frei vai até a porta, segurando as travessas e fica na porta, ouvindo o Índio, que continua:

- Pensamento, sentimento, desejos, crenças. Portanto, o mundo fora da gente também tem de ser bem divididinho.

A mulher reaparece apanha as travessas de Frei e volta a sumir. Frei retorna a seu lugar.

- Como se fôsse um monte de pedaços ~~na~~ pra gente montar na cuca. Um grande quebra-cabeças.

372. Índio à mesa, tira fumo da caixinha e minuciosamente, sem parar de falar calmamente, enrola um cigarrinho fino.

- Só que na hora que você divide as coisas não juntam mais. Fica tudo quebrado, um monte de cacos. Política de um lado, cultura do outro, dinheiro do outro, arte do outro...

Ele acende o cigarro e traga profundamente.

373. Lenta PAN pelos quadros encostados na parede, em confusão: corpos nus, ~~na~~ isolados ou em pares, não exatamente eróticos, mas sensuais. Índio off:

- Quando dizem que a minha pintura é erótica eu dou risada. Não tem nada de erótico. É educativa.

A arte erótica oriental também era educativa. Não era pra excitar.

Era o corpo em atividade, fazendo amor.

Um ato que não ~~na~~ é só físico.

374. Os três recostados nas almofadas grandes, Frei termina ~~de~~ de tragar o cigarro e passa para a mulher, enquanto Índio diz:

- Pra eles é claro, mas a gente aqui, do outro lado do mundo, tem de fazer um esforço pra entender.

Prendendo a fumaça no pulmão a mulher intervém:

- Por culpa do senhor Descartes!

Eles riem. Ela apaga o cigarro na mesa ao lado e apanha um incenso que se põe a acender enquanto Índio continua, parando de rir aos poucos; CAM se aproximando dele à medida que êle fala.

- Eu só pinto corpos, mas o que você sente ~~XXXXXX~~ não é só o corpo.

Eu sou um corpo, então só posso expressar ~~o~~ o corpo. Mas você ~~XXXXXX~~ olha o quadro e sente o homem inteiro, o ser.

Um cientista pode fazer um corpo até melhor.

375. Concentrada em assoprar a fumaça do incenso a mulher diz:

- Frankenstein!

Eles riem de novo. Indio continua off:

- Isso aí. Mas fica faltando alguma coisa.

376. Frei, quase deitado na almofada, ouve atento, assimilando tudo.

- O corpo sem mais nada, vira um monstro.

Aí é que está a Arte. Não tem como explicar. Não dá pra entender, só com a cabeça.

Tem de sentir e entender com tudo.

Frei volta a cabeça e olha os quadros.

377. Os quadros enfileirados na parede. Indio off:

- É só a Arte que pode devolver o corpo pro homem. Religar a mente e o corpo numa coisa só outra vez.

378. Frei torna a olhar para o Indio que prossegue off:

- Eu não sou um artista porque eu pinto. Eu sou um artista porque eu vivo. Meu corpo, eu, sou a minha obra de arte. A minha vida ~~de~~ tem de ser minha obra prima.

379. Recostando-se junto da mulher ele continua, acariciando-a:

- Eu posso ser uma bosta, mas só tem um de mim no mundo: eu. E mais forte do que eu, só eu mesmo.

Os três têm um ataque de riso, durante o qual o Indio abraça mais a mulher.

380. Frei ri gostoso, limpando as lágrimas com a mão. Quando consegue ~~o~~ parar, recosta-se para trás e fica olhando o teto um instante, pensando. Levanta a cabeça de novo e olha.

381. Indio e a mulher se beijam muito sensualmente, ele enfia a mão por baixo da saia dela, ambos concentrados um no outro, indiferentes à presença de Frei.

382. Frei olha ainda um momento, sorri para si mesmo e se levanta.

CAM com êee que atravessa o estúdio com passos pesados em direção a outra porta. Na porta ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ ele apaga o inter-

ruptor, mergulhando a sala em penumbra. E olha outra vez.

383. De seu ponto de vista: o amplo estúdio e lá do outro lado, nus sobre as almofadas o casal que faz amor.

384. Frei à porta. Sorri e some por trás da parede.

SEQUENCIA 30

- 385.0,pequeno quarto de Frei, quase tão ascético quanto a cela, algumas roupas saindo pela bôca de uma valise, um quadro na parede, alguns posters, livros, sua cama no chão. Ele dorme.
CAM se aproxima de seu rosto, à medida que ele desperta, esfrega os olhos, boceja e sai de campo, levantando-se.
- 386.0 estúdio: Frei entra da porta, cabelos molhados, vestindo a camisa. Pára diante da mesa, apanha a bôlsa dependurada de uma cadeira e coloca dentro dela os oito ou dez caleidoscópios que tem sobre a mesa. Algo chama-lhe a atenção, ele olha.
- 387.Indio e a mulher dormem abraçados nas almofadas, nus.
- 388.Frei sorri, coloca o último caleidoscópio na bôlsa e sai.
PAN com êle que atravessa o estúdio e sai pela porta, trancando-a.

SEQUENCIA 31

- 389.Frei anda na rua, contra paredes cheias de frases escritas com spray.
- 390.A vitrine de uma loja; três dos seus caleidoscópios arranjados ao lado de outros artigos variados. Correção para o interior da loja pequena, Frei se despede da moça ao balcão e sai. CAM PAN com ele, ele abre a porta de vidro e sai para a rua, saindo de campo.

SEQUENCIA 32

391. Corredor de faculdade. Grupos de pessoas circulando. Encostado à parede, os caleidoscópios enfileirados diante dele, Frei, de braços cruzados olha o movimento.

392. Close de seu rosto que olha.

~~393~~ 393. De seu ponto de vista: um grupo que passa e cruza com outro.

394. Um rapaz que passa, olha, hesita e não pára.

395. Duas garôtas tímidas, muito jovens, passam, olham com o rabo dos olhos e seguem, rindo.

396. Frei acompanha-as com o olhar, sorrindo, sacudindo a cabeça.

397. De seu ponto de vista: dois rapazes passam e cumprimentam, sorrindo com aceno de mão e seguem, conversando, cruzando com um senhor de meia idade que se aproxima sorrindo.

398. Frei desencosta da parede. O senhor, de guarda-rápô, apanha um caleidoscópio e olha, coloca-o debaixo do braço, procurando o dinheiro no bôlso da calça.

399. Close do homem que olha Frei intensamente, estranho, perguntando:
- Quanto é?

400. Frei responde:
- Trezentos.

401. O homem conta o dinheiro e lhe entrega. Olha de um lado e outro e em voz mais baixa, cheia de intenções, pergunta:
- E você, quanto custa?

402. Frei levanta os olhos, boquiaberto, levando um tempo para entender.

403. O homem o encara com um meio sorriso malicioso, a cabeça desmunhada de lado.

404. Frei se recompõe diante do professor, pigarreia:
- Eu não estou à venda, professor.
O velhote empina a espinha, recompõe a pose, desmanchando o sorriso, reassumindo o ar casual e falando um pouco alto demais:
- Muito obrigado.

E caminha para fora de campo.

405. Frei se encosta à parede, olhando para o homenzinho que se afasta. E ri, perplexo, tapando brevemente os olhos com a mão. Levanta a cabeça e olha o corredor.

406. Um rapaz apanha um caleidoscópio e leva-o ao olho. Gira-o durante um instante e sem para de olhar diz admirado:
- Meu... isto com uma coisinha em cima, é o seguinte...

Baixa o caleidoscópio, olhando para Frei:

- Quanto que é?

CAM abre e corrige para enquadrar Frei que responde:

- Trezentos.

O rapaz pouza o caleidoscôpio, lamentando:

- Tá russo, malandro.

E segue seu caminho.

407. Frei arruma o caleidoscôpio junto dos outros, se acomoda na parede de nôvo e olha o corredor.

408. De seu ponto de vista: o corredor vazio, apenas uma garota avança, cabelos crespos muito compridos, camiseta, saia de algodão estampado, sandália de couro baiana, uma bolsa de crochê colorida pendurada do ombro, livros na mão. Ela sorri já de longe, entortando a cabeça.

409. Frei desencosta da parede respirando fundo, quase sério. Ela entra em campo e se beijam na bôca, brevemente. Ela encosta ao lado dele:

Ela:- Como é?

Frei:- Tudo bem. E você?

Ela:- Tudo em cima. Você sumiu. Qual é?

Trancou a matrícula?

Frei:- Isso aí.

Enquanto falam ela olha pra ele, interessadíssima, êle olha de lado olha à frente, ligeiramente entediado, evitando o contato.

408. Ela desencosta da parede, procura na bolsa, acende um cigarro enquanto pergunta:

- Você acha uma boa?

410. Frei de cabeça baixa, olha de lado, dá de ombros:

- Sei lá. Não deu mais.

411. A garota sorri, olhando-o nos olhos, interessada:

- Tô sabendo: a escola não prepara para a vida, a Universidade tá morta, tem de abrir caminho sôzinho, esses baratos...

412. Frei se volta para ela, sorri, mudando de atitude, quase surpreso com a menina. Faz um carinho, camarada no cabelo dela. Ela inclina a cabeça, sensual, para receber o gesto, olha-o nos olhos:

- Eu continuo aí, ~~xxx~~ batalhando.

Acho que eu sou mais covarde. Ou então mais valente, sei lá... Depois eu penso.

Os dois riem. Ela ~~o~~ apôia a mão no peito dele e aproxima a testa de seu queixo, sem toca-lo porém.

413. Close dela que levanta os olhos para Frei, arranja o cabelo:

- Tem festa na Lu hoje. Vamos nessa?

414. Close de Frei olhando para ela que completa, off:

- Lembrar os velhos tempos.

Ele ri, numa onda de ternura, olhando intensamente para ela enquanto pensa um instante. E responde:

- Eu vou.

415. Ela olha para ele, sorrindo, enternecida. Os dois se beijam.

SEQUENCIA 33

416. A festa: muita gente, de idades e credos \times variados, reunida numa sala pequena.
Fala-se de tudo: de ecologia, $\bar{m}\bar{x}\bar{x}$ política, sexo, psicologia, religião, teatro, economia, a fôrça das pirâmêdes, fofocas, cinema, televisão, etc., etc., etc..
Frei circula pelos grupos, ouvindo, cumprimentando, algumas vezes com sua garota, outras vezes sozinho.
450. Close de Frei que toma um gole de bebida, olha o copo ainda pela metade e se interioriza. Levanta os olhos para a festa.
451. Num canto de parede um casal se beija.
452. Sentado no chão, encostado à parede, copo de bebida entre as pernas, um rapaz dorme de boca aberta, cabeça pendida pra trás. Uma garota a seu lado absolutamente concentrada nas pontas do cabelo que ela desfia com os dedos diante dos olhos.
453. Dois rapazes discutem violentamente com grandes gestos.
454. Uma mesa cheia de pratos, copos e garrafas. De um lado um rapaz que come canapês, rãpidamente, um depois do outro, olhando fixamente para o outro lado da mesa, onde duas garotas se beijam na bôca.
455. Close de Frei que olha, toma mais um gole e olha de outro lado.
456. Um grupo num canto faz fírar uma bagana de fumo.
457. Close de uma garota que puxa o fumo com fôrça e passa o cigarro.
PAN com o cigarro sempre em close até enquadrar o rapaz a seu lado que fala sem parar, os olhos quase fechados.
458. Close de sua boca que fala interminãvelmente.
459. Close de Frei que olha e esvazia o copo de um trago.
460. Diante dele, cabeça inclinada para o lado, sua garota sorri.
Aproxima-se dele, CAM com ela e ele a abraça.
461. Na penumbra do quarto a garota gemendo levemente, movendo a cabeça sobre o travesseiro.
462. Frei sobre ela, movimenta o corpo mecãnicamente, trepando de olhos muito abertos, mais expectador que participante.
463. Ela goza, deslizando os braços no travesseiro, esticando o pescoço, mordendo o lãbio, um prazer só para si.
464. O travesseiro ao lado: Frei entra em campo deitando-se nele e fica olhando o teto um longo instante.
465. De seu ponto de vista: a garota imôvel na mesma posiçãõ, rosto voltado para o outro lado.

466. Frei olhando para ela. CAM corrige para enquadrar os dois à medida que Frei se mexe, abraça-a por trás, afundando a cabeça em sua nuca, sacudindo-a docemente, dizendo:

- Ei...

Ela grunhe, acomoda-se, sacudindo o ombro pra se livrar do abraço, absolutamente isolada em si mesma, querendo dormir.

467. Close muito fechado de Frei ainda mergulhado nos cabelos dela.

Ele abre os olhos, decepcionado, vazio. Fica de olhos abertos um tempo e sai de campo.

468. Frei deitado no travesseiro, ~~max~~ olhando o teto. Ao lado a menina dorme, indiferente.

SEQUENCIA 35

475. Gravura erótica japonesa de cores suaves e extrema sutileza.

A mão de Frei vira a página do livro que toma toda a tela: outra gravura igualmente doce, erótica e sutil.

476. Close de Frei que olha o livro, absorto, tocado pela riqueza e suavidade das figuras.

CAM recua lentamente de seu rosto. Ele está nu, sentado num banco alto, no centro do fundo infinito branco fortemente iluminado, imóvel olhando o livro. CAM continua recuando até enquadrar em primeiro plano o Índio que trabalha ao cavalete desenhando em traços largos a figura de Frei sobre grande folha de papel pardo. CAM enquadra o desenho que toma toda a tela, Índio de costas entrando e saindo de campo, desenhando concentrado.

477. Sentada sobre o almofadão, de pernas cruzadas a mulher de Índio embaralha um maço de cartas.

478. Diante dela Frei sentado sobre o tapete. Ao fundo, Índio esticado numa cadeira, fumando diante de um quadro inacabado.

A mulher termina de embaralhar, abre as cartas num leque e estende-as para Frei.

Ele tira uma carta, que ela coloca no chão entre eles.

Ele tira mais três cartas que ela vai colocando no chão em forma de cruz, com o centro livre.

Frei tira a quinta carta e segura-a no ar, voltada para a mulher.

479. Ela sorri enquanto poussa o resto do maço no chão, apanha a carta que Frei segura diante dela.

480. Por cima de seu ombro, a cruz de cartas no chão. Ela coloca a quinta carta no espaço vazio central, voltada para cima. É o Arcano XII do Tarot: o Suspenso. CAM se aproxima lentamente da figura enquanto ela diz:

- Este é você. Quer dizer, o momento que você tá agora.

O home suspenso entre o céu e a terra. Pendurado na beira da estrada para servir de exemplo pra quem passa.

481. Zoom vai fechando lentamente para o rosto de Frei que ouve fascinado. Ela prossegue off:

- É o homem que pressente a verdade mas que ainda não consegue chegar nela, que ainda não

tã maduro, como uma semente que ainda não brotou.

482. Close da carta: a gravura medieval antiga, cores brilhantes, tomando toda a tela. Ela prossegue off:

- Os pês, a base tã virada pra cima, pro céu, pra unidade superior. A cabeça pra terra, pra baixo.

483. Ela ri:

- Tudo de perna pra cima, de cabeça pra baixo.

E continua, a CAM se aproximando de seu rosto:

É uma carta de transição, de movimento suspenso. Muitas possibilidades, mas grande indecisão, procura.

É a carta da Sabedoria intuitiva, do homem que supera a sua condição.

Carta doze, a que fecha o ciclo dos 12 signos do zodíaco.

O fim de uma fase pra começar outra.

484. As cartas no chão. Ela vira a da esquerda, dizendo off:

- Aqui é o que você tem a favor, a afirmação.

É o arcano VI, o Enamorado:

- Um homem entre duas mulheres, entre dois caminhos, o Vício e a Virtude.

485. Close de Frei que olha fascinado para a carta e levanta os olhos para ela que fala off:

- É o homem que terminou a adolescência e se prepara pra começar a viver. As duas mulheres são dois caminhos: ou viver à toa, sem objetivo, ou fazer da vida um trabalho de crescimento.

486. Close da mulher que continua falando de olhos baixos:

- É o caminho mais claro para a identidade que só pode ser encontrada...

Ela levanta os olhos claros para Frei.

-... no conflito e na troca com o mundo e com os outros.

487. Close de Frei, transportado para um mundo mágico: - Ela diz off:

- Num sentido místico é carta que indica um trabalho de transição, de passagem de uma natureza inferior para uma natureza superior.

488. As cartas no chão. Ela vira a da direita: Arcano XV, o Diabo.

- Ah, o Diabo.

Aqui é a posição da negação, daquilo que você tem de ter medo.

489. Frei levanta os olhos para ela:

- Do Diabo?!

490. Ela ri:

- É, mas não o diabo de chifre e rabo que fica possuindo menininhas indefesas e brigando com exorcista.

491. O Diabo tomando toda a tela. Ela off:

- ~~XXXXXXXX~~ Lúcifer é o portador da Luz.

Aquele que se rebela, o subversivo que desafia a ordem, as leis de Deus e que é expulso do Paraíso.

Lentamente a carta se decompõem em luzes coloridas, sendo substituída pela mesma imagem, mas viva, o manto do diabo agitado no vento, seus olhos luminosos no escuro. CAM se aproximando de seu rosto terrível e belo até close, enquanto a voz dela prossegue:

- Ele cai do céu, mas não inventa uma nova ordem. Ele é a desordem, a fragmentação, o inferior.

Tem uma cara na barriga. Uma cabeça em baixo, outra em cima. É o homem & dividido, em luta consigo mesmo.

O close do diabo se desfaz em luzes coloridas em lenta fusão para:

492. Close de Frei, os lábios entreabertos, o olhar límpido, mergulhado na descrição. Ela conclui off:

- É a carta da confusão, do prazer passageiro, sem consequência, sem compromisso que prende o homem e a mulher.

493. Ela levanta os olhos para Frei e sorri.

494. Despertando de sua imaginação Frei sorri também e olha para as cartas no chão.

495. Ela vira a carta de cima lentamente enquanto diz:

- Esta é o conselho.

A carta sem nome, a Morte.

496. Close de Frei. Ele ouve o vento que ruga, fecha os olhos.

497. No escuro, a Morte voa, a ampla capa tremulando. A voz da mulher off:

- ~~Rkk~~ A grande ceifadora, filha da Noite, irmã do Sono. a que dissolve a forma pra dar

- dar uma nova forma, a vida que é estêrco pra uma nova vida.
- 498.R Close de Frei que abre os olhos, dispersando a imagem, olhando a carta no chão.
- 499.As cartas no chão, a Morte no centro do quadro. A mulher off:
- A carta não é terrível. Quer dizer renovação. Tudo o que vive tem de morrer, pra vida poder continuar.
 - É a carta 13. A que começa o novo ciclo depois dos doze signos do zodíaco.
- 500.Close da mulher que levanta os olhos para Frei:
- É a carta da renúncia. Renunciar ao que já passou pra conquistar o que vem. A carta do futuro e do renascimento.
- 501.Close de Frei que ouve atento. A mulher off:
- Agora o seu destino, a síntese de tudo, aonde você vai chegar.
- 502.Ela vira a carta inferior, em close: Arcano XVIII, o Sol. A voz dela, off:
- O sol.
 - O pai de tudo que existe, a fonte de luz, de calor, de ~~xx~~ tudo o que é vivo.
- 503.Close de Frei, absolutamente concentrado, mergulhado em si mesmo. Lenta fusão para um grande círculo de luz brilhante. A voz da mulher off:
- O triunfo final, o brilho divino que queima mas não destrói.
- CAM se afasta do círculo de luz que é um spot aceso no fundo infinito branco. Debaixo da luz muito clara, Frei e a mulher estão nus, lado a lado, quase abraçados, numa pose quase igual à da carta. A voz da mulher prossegue off:
- Os ~~xx~~ dois meninos podem ser também o signo de Gêmeos. São os filhos da luz, a sabedoria total, o encontro consigo mesmo.
- 504.Detrás da câmera fotográfica montado sobre um tripé, índio bate a foto e sai de campo.
- 505.Frei e a mulher relaxam, índio entra em campo e orienta os dois para outra ~~xxx~~ pose.
- Ouvem-se suas palavras apenas indistintamente, perdidas na música que domina quase tudo.
- 506.Índio volta à camera e olha.

507. Frei e a mulher em outra pose contra o fundo branco.
508. Indio acerta o foco, olha os dois e bate a foto.
509. Frei e a mulher em nova pose. Indio passa por trás deles, muda uma luz.
510. A camera fotografica num grande close, o diafragma se abre e se fecha.
511. Frei e a mulher em outra posição.
512. Frei e a mulher em outra posição. A luz começa a borrar a imagem.
513. Frei e a mulher em outra posição.
514. Frei e a mulher, braços nos ombros um do outro, olham-se nos olhos. O clima se altera. Indio entra por trás deles, entre os dois, arranja os cabelos dela, olha para um, para outro, o clima mm o envolve. Ele faz um carinho no ombro de Frei que se volta para ele, a mulher passa a mão pelo rosto de Frei, os três se aproximam num abraço.
515. CAM gira em torno dos três, nus, de pé, fortemente abraçados, roçando os rostos com grande amor e intensidade.
CAM circula em torno deles várias vezes e termina por enquadrar o branco do estúdio enquanto a música cresce.

SEQUENCIA /? 36

516. Formas fora de foco, na penumbra. Frei entra em campo em close e olha atentamente.

517. De seu ponto de vista: close de duas mãos pálidas pousadas sobre lençóis. CAM sobe, sempre em close, por dois braços pálidos, os seios ainda fartos semimostrados no decote da camisola, os cabelos ainda longos, mas mais raros espalhados sobre o travesseiro, a pele extremamente pálida, arroxeadada em torno dos olhos: sua mãe que dorme apoiada em travesseiros altos.

518. Geral do quarto: Frei de pé diante da cama, a mãe dormindo na penumbra amarelada.

Frei se volta, senta-se na poltrona, coloca a bolsa no chão.

519. Close de Frei que olha a mãe dormindo.

520. Close da mãe que dorme.

Depois de um tempo ela bate as pálpebras, abre os olhos e passa as costas da mão pelos lábios umidos. Sobressalta-se ligeiramente, olha de lado, levando a mão ao regaço:

- Filho. Que susto!

Estende a mão para ele. CAM recua e corrige, Frei entra em campo e senta-se à beira da cama, beijando a mãe, enquanto a CAM circunda a cama, enquadrando os dois, de mãos dadas:

Frei:- Como é que vai?

Mãe:- Meio cansada. E você?

Frei:- Tudo bem.

Ela solta as mãos, arranja as cobertas com gestos alquebrados.

Sorri, satisfeita e brinca de representar:

- A que devo o prazer da visita?

Frei se põe de pé:

-Adivinhe.

Ela leva as mãos ao regaço, dramática, brincando, um fio de voz:

-Senti saudades de sua pobre mãezinha alquebrada pelo pêso dos anos.

Frei, representando também:

- Não. Meu coração de pedra nunca sente saudades.

A mãe se inclina para a frente:

-Já sei. Precisa de dinheiro.

Frei, saindo de campo:

- Também não. Seu querido filho é agora um bem sucedido industrial.

ela ri:

- Você industrial? Fabricando o que?

Frei torna a entrar em campo trazendo na mão um caleidoscôpio que estende para ela:

- Fabricando sonhos.

Ela apanha o tubo, -

-E isso dá dinheiro?

Frei estimula-a a olhar com um gesto de mão:

- Tá dando.

521.A mãe leva o caleidoscôpio ao olho e gira-a durante um longo instante.

522.Close de Frei que olha, carinhoso, quase emocionado.

523.A mãe sorri, satisfeita:

- Que lindo. É voce mesmo que faz?

Frei off:

- Hum-hum.

A mãe baixa o caleidoscôpio, olha o filho. O sorriso se desfaz lentamente, ela pousa a mão sobre a mão dele, traíndo preocupação:

- Foi teu pai que te chamou, não foi?

524.Frei se levanta, afastando-se da cama:

- Ele não é meu pai. É meu padrasto, o Justiceiro.

525.A mãe bate as mãos impotentes no lençol:

- Não fale assim dele.

526.Frei se volta vivamente:

- Mãe, eu nunca entendi porque é que você casou com ele. Foi por minha causa?

Ele caminha para a cama depois de um momento de hesitação. Senta-se segura a mão da mãe.

- Uma vez, quando eu era bem pequeno, vi você e o pai na cama.

527.A mãe pisca os olhos várias vêzes, perplexa:

- Eu acordei e fiquei olhando. Era lindo. Tinha tanto amor, tanto amor que eu fiquei com medo.

528.Close de Frei que fala, olhando intensamente a mãe, nos olhos.

- Foi só mais tarde que eu eñtendi. Quando eu vi os cavalos no pasto... Era que nem vocês dois. Que nem bicho, que nem fera.

529.A mãe olha o filho boquiaberta, chocada, mas compreendendo o que

ele diz. Frei continua, off:

- Você e o pai...
Vocês dois eram que nem a natureza.
Tudo que vinha de vocês, tudo que vocês
dois faziam tinha cheiro de terra, de mato.

Ela fecha os olhos com fôrça, apóia a cabeça no travesseiro:

- Era forte, era bonito, inteiro. Era bom.

530. Close de Frei:

- E era isso que eu queria pra mim.
Que eu quero.

Ele olha a mãe, intensamente.

531. Ela abre os olhos, uma grossa lágrima escorrendo pelo rosto.

E abraça o filho, trazendo-o para dentro de campo.

Ficam um instante abraçados, ela oscilando o corpo com a cabeça do filho no regaço.

Por fim ela se recompõe, funga o nariz enxuga os olhos, retomando uma energia que não tinha antes.

Frei se endireita, tomando a sair de quadro. Ela vira o corpo e puxa de debaixo do travesseiro um folheto impresso que estende para Frei. ~~zxVxjzazkxax~~ Olha isto aqui.

532. Frei apanha o folheto.

533. O folheto em suas mãos: material explicativo de um nôvo cemitério com forno crematório, louvando as vantagens da cremação.

534. Frei levanta os olhos para a mãe, sem saber o que dizer.

535. Ela se arma de coragem, cruza as mãos ~~axzaxax~~ sobre o lençol.
- Teu pai tá querendo me queimar.

536. Frei não pode deixar de sorrir da afirmação tão direta.

537. Ela arranca os folheots da mão de Frei e volta a colocá-los sob o travesseiro.

- Outro dia ~~nx~~ veio aqui um padre. Desses modernos, que não usa batina, que reza missa em português como se fôsse programa de auditório.

Frei ri de novo. Ela continua:

- É claro que ele não falou nada diretamente, mas eu ~~entendi~~ entendi o que ele queria.

538. Frei olha a mãe um instante em silêncio, sorrindo, mas o pesar aparecendo por baixo do sorriso.

539. Ela olha o filho firme, o medo aparecendo por baixo da firmeza:

-É o fim. Seu pai é bom, ele não quer que eu sofra, mas ninguém me engana.
Eu sei a verdade. É aqui. Na cabeça.
Câncer.

540. Frei olha para ela enternecido, ansioso, sem saber o que fazer.

541. Ela toma a mão do filho e olha direto em seus olhos, firme:

- Filho... eu quero te pedir uma coisa.
Eu não quero ser cremada. Pode ser que ele nem esteja pensando nisso. Afinal, a gente tem de ter um lugar pra descansar. Precisa comprar lote, essas coisas.
Mas esse papel fala de cremação também.
Você não deixa, tá bom?
Não deixa me queimar. Eu quero apodrecer na terra. A gente vem da terra e tem de voltar pra terra.

542. Close de Frei emocionado, sem saber o que dizer. Ruído da porta que se abre. Ele se volta.

543. Pela porta do quarto entra o prior, muito prôpriamente vestido de terno e gravata escuros, pasta de couro na mão, seguido da enfermeira. PAN ~~XXX~~ com ele que avança até a cama, Frei reclinado ao lado da mãe. A enfermeira coloca a bandeja sobre a mesa de cabeceira e abre as cortinas, enquanto o ~~xxxxxxx~~ prior se ~~xx~~ curva e beija a mulher.

- Eu já vou, meu bem. Não venho almoçar.
Você ~~mex~~ espera para jantar.

A mãe, sorrindo, dá-lhe palmadinhas na mão que retém entre as suas:

- Tá bem.

Ele se volta pra Frei:

- Quer uma carona?

544. Frei olha o prior, volta-se para a mãe.

545. A mãe sorri para ele, como se nada tivesse acontecido e diz:

- Vá, aproveite. Você deve ter coisa pra fazer.

546. Frei se levanta e apanha a bolsa no chão, coloca-a no ombro, enquanto o prior se curva e beija a mulher novamente. A enfermeira prepara a injeção por trás dele.

Frei se ajoelha na cama.

547. Close da mãe, Frei se curva sobre ela e beija-a no rosto.

Ela ~~xxxx~~ retém seu rosto por um momento, com a mão, olha-o nos olhos, num pacto secreto, sorri e dá-lhe um tapinha amigo

na face numa despedida final.

Frei sai de campo, a mãe se volta para a enfermeira e estica o braço.

548.0 prior à porta, esperando. Frei entra em campo e olha ainda uma vez para a mãe.

549.A mãe na cama, a enfermeira espeta a agulha na veia e injeta.

A mãe fecha os olhos, um enorme cansaço se abatendo sobre ela.

550.Frei baixa os olhos, sai e fecha a porta.

SEQUENCIA 37

551. Prior à direção de seu carrão, Frei ao lado parados num congestionamento. Prior diz em sua vozinha formal e fria:

- Agora só nos resta esperar.
A Medicina já está fazendo o possível.
Mas você pode fazer uma coisa mais importante.

Frei se volta para ele. O prior prossegue:

Voltar pra casa e retomar os estudos.

Frei vira para o outro lado cruzando os braços e as pernas:

- Eu sabia.

Prior, engatando a marcha:

- Como é?

Frei se volta para ele e repete:

- Eu sabia que você ia tornar a me encher o saco.

Prior, dirigindo com cautela, muito devagar:

- É pela tua mãe, rapaz. Você há de convir que desde que você se mudou não tem dado muita atenção para ela.

552. Frei olha pra fora da janela.

XXX

- A gente se entende.

553. De seu ponto de vista: a parede que passa lentamente a poucos metros do carro, cheia de frases pixadas com spray, dentre as quais uma se destaca, em vermelho: É TUDO BABAQUICE.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

554. Close de Frei que lê as frases. A voz do prior soa off:

- Então?

Frei se volta:

- Então o que?

555. Prior à direção do carro novamente parado:

- O que é que você resolve?

556- Frei olha à frente:

- Eu não resolvo nada. Tá tudo resolvido.

557. Prior apóia o braço sobre o encosto do banco de Frei:

- Então me explique. Até agora eu não entendi porque é que você largou a faculdade.

558. Frei olha à frente, fixamente:

- Não tem o que explicar. Você não ia entender nunca. E nem precisa.

Não adianta posar de pai espiritual que eu não tô acreditando.

558. xExeizazkaxãxExeizazkaxãxExeizazkaxãxExeizazkaxãx

559. A avenida 23 de maio absolutamente congestionada, vista do carro.

560. Frei olhando a avenida. Dá ainda um tempo e volta-se para o prior:

- Aliás, eu não entendo a tua insistência. A gente nunca se deu bem. Pra você deve ter sido um alívio eu ter saído de casa.

561. O prior engata a marcha, sorrindo seu risinho de olhos apertados:

- Não, não. Não inverta a situação. Foi você que nunca aceitou meu casamento com a tua mãe.

Puxa o freio de mão, parando novamente.

- Porque?

562. Close de Frei que olha ao longe, sua expressão se aprofunda a CAM se aproxima mais de seu rosto:

- Porque meu pai e minha mãe eram um casal. Os dois eram uma coisa só, inteira, de verdade.

Eles aceitavam a vida, eram tolerantes.

Eles amavam.

563. O prior se volta bruscamente para ele:

- Eu amo sua mãe, se é que você não sabe disso.

564. Extremamente calmo, imerso em si mesmo, Frei sorri, irônico do prior, baixa os olhos e volta-se para ele, dizendo com extrema violência e contenção:

- Você não ama ninguém.

Você só serve a um único Deus: o Dinheiro.

E sua Santa Mãe, a Segurança.

PAN para o prior que se volta para a frente, apertando os lábios, nervoso. CAM continua a PAN, girando em seu eixo, até enquadrar a avenida muito congestionada. A voz de Frei prossegue off:

- Um fiel servidor dos poderes públicos, defendendo os direitos do Estado contra o indivíduo...

565. Close de Frei que desabafa, calmo, firme, com extremo desprezo:

- ...acusando, condenando, prendendo e castigando, o grande Justiceiro, defensor da moral e dos bons costumes, o senhor promotor público.

566. O prior se volta bruscamente para ele, vermelho de raiva e diz, entredentes:

- Cale a bôca.

Os carros atrás buzina furiosamente.

567. Frei olha friamente para o prior.

- Calô.

Volta-se, abre a porta e salta, batendo-a com fôrça.

568. Frei na calçada, o carro em primeiro plano arranca violentamente e sai de quadro. Frei ~~xxxx~~ se volta e pára um instante olhando a parede onde se lê uma grande frase escrita com spray: ELES MATARAM TUDO.

Frei arranja a bôlsa no ombro e caminha, ~~X~~ para fora de quadro, em primeiro plano os carros passam.

SEQUENCIA 38

569. Frei caminha apressado pela rua, desabafando no exercício o ódio que sente. Longo TRAV acompanha-o

570. Frei caminha pela rua cheia de gente.

571. A estátua de Anchieta na praça da Sé. PAN para enquadrar uma grande roda de populares que ouve atenta um pregador apaixonado, brandindo a Bíblia. Frei chega ao grupo e pára para ouvir:

- Se dissermos que não há pecado em nós, é porque não há verdade em nós.

572. Close de Frei que olha o pregador.

573. O pregador, o grande livro na mão, carismático:

- Meus irmãos, meus companheiros. Tã aqui, escrito no livro sagrado, nas sagrada escritura. Quem disser que não tem pecado tã mentindo. Cometendo mais um pecado ainda, o pecado da mentira.

574. Close de Frei. Ele desvia os olhos para o povo que ouve.

O pregador prossegue off:

575. PAN pelos rostos grosseiros, bonitos, variados do povo simples:

- E de pecado em pecado a gente vai ficando mais longe de Deus, mais longe da palavra de Cristo Nosso Senhor que desceu na terra e que deu seu sangue pra lavar os nossos pecado.

576. Frei torna a olhar o pregador.

577. O pregador agitado, gritando com extrema e ingênua sinceridade:

- E quantos não acredita e despreza o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas é sô o sangue de Deus que pode lavar os pecados da alma.

Quem é que já não passou por necessidade?

Quem é que já não recebeu, ou então conhece alguém, um parente, um amigo, um conhecido que por causa de algum acidente grave precisou de levar x uma transfusão de sangue.

E com isso sarou, recobrou a saúde, ficou bom e foi salvo pelo sangue do homem:

578. Close de Frei que ouve, volta-se para fora de quadro e sai de campo.

- Pois se o sangue humano faz bem pra quem tã no hospital, o Sangue de Cristo então...

579. Uma banca de revistas coberta de alto abaixo com capas de mulheres nuas. Frei entra em campo e olha.
580. PAN pelas capas.
581. Close de Frei que observa as capas. Volta-se e sai de campo.
582. Pórtico e escadarias da catedral da Sé, pessoas que sobem e descem. Frei entra em campo e sobe os degraus de dois em dois.
583. Interior da igreja: a porta de entrada. Frei entra e olha em torno. Caminha para o corredor central, olhando em volta, fazendo turismo CAM PAN com ~~ele~~ ele. Frei avança pelo corredor central olhando em torno.
584. De seu ponto de vista: a CAM passeia pela igreja alta, detém-se na rosácea central brilhando em muitas cores contra o sol que vem de fora.
585. Frei se volta e caminha até o fim do corredor, virando à direita.
586. Um esquife de vidro, com a imagem do Senhor Morto em tamanho natural. Mãos pousadas sobre o esquife, olhando fixamente a imagem, uma mulher mexe os lábios em muda oração, o rosto contrito, como se velasse o corpo do Deus morto.
Frei se aproxima e olha para ela.
587. Ela sente seu olhar, para de mexer os lábios, ajeita o suéter, mas não levanta os olhos.
588. Frei baixa os olhos para o esquife.
589. A imagem de Cristo morto dentro do caixão.

SEQUENCIA 39

590. A porta do estúdio de Índio se abre e Frei entra. Fecha-a de novo volta-se e estaca, absolutamente perplexo.
591. De seu ponto de vista: Índio em primeiro plano desenha furiosamente, concentrado. No fundo infinito, de pé, nua, segurando um manto branco que esvoaça por cima dos braços abertos, diante de um ventilado, debaixo das luzes a mulher do Fiat vermelho reproduzindo sua visão de Nossa Senhora.
592. Frei, extasiado, boquiaberto, transportado, avança um passo lento.
593. CAM desliza pelo estúdio a princípio lentamente, aumentando de velocidade até um close muito próximo da mulher, que sorri, intrigante.
- A imagem se desfaz em luzes coloridas ~~xxxxxx~~ indefinidas.

SEQUENCIA 40

594. As luzes coloridas se definem lentamente, entrando em foco: são as imagens de uma TV a cores, fora de sintonia. Zoom abre ligeiramente para revelar o aparelho. PAN pelo quarto de Maya até a cama onde, iluminados pelos reflexos coloridos da televisão, Maya e Frei terminam de fazer amor, unidos num abraço intenso, forte, em tudo diverso da trepadinha com a garota da faculdade. Eles relaxam. Deitam-se lado a lado.

595. Close de Maya abrindo os olhos, relaxada, suada, plena.

Breve PAN para Frei cansado, suado, sorrindo, olhando para Maya.

596. Ele se apóia no cotovelo, passa o dedo carinhoso pelo perfil dela. Ela morde-lhe o dedo, sorri para ele, volta o rosto, estica o braço apanha o cigarro na mesa de cabeceira e acende um, enquanto Frei se senta na cama. Procura no meio dos lençóis e encontra o controle remoto da televisão. Aperta o botão várias vezes fazendo soar uma sequência de sons incompletos, piscando luzes de várias cores sobre eles, à medida que mudam-se os canais.

Desliga a TV, joga o controle remoto entre os lençóis novamente.

Faz um carinho em Maya e levanta-se da cama.

CAM fecha sobre Maya que olha para ele, fumando, sorrindo.

597. PAN acompanha Frei que examina detalhadamente o quarto de Maya, levantando objetos, folheando livros, olhando cartões postais, na ligeira confusão de seu quarto cheio demais.

Olha uma estatueta oriental, olha para Maya.

597. Ela olha para ele da cama.

Frei entra em campo e aninha a cabeça sobre o seio dela. Ela acaricia o cabelo dele. Ele pergunta:

- Você viaja muito, né?

Com o cigarro na boca ela responde:

- Hum-hum...

Eu sou física.

Frei levanta o rosto maliciosa para ela:

- É, isso eu notei.

Riem ambos.

598. Frei se deita ao lado dela, acomodam-se para ficar bem juntos e sem querer se apoiam no controle remoto, a TV liga e começa a mudar de canal. Frei acha o controle, desliga, mas deixa-o entre os lençóis mesmo. Pergunta:

- Física-física mesmo? Átomos, relatividade essas coisas?

Maya ri:

- Essas coisas.

Passa um tempo. Frei beija os dedos dela entre os seus. Pergunta:

- O que que um físico faz?

Maya pensa um instante:

- Um físico... estuda a matéria.

É meio vago, né? Não. Um físico...

O que é que um físico faz?...

Ele estuda as interações da matéria. ~~Inter~~
~~ações de~~ Interações de
gravitação, eletromagnéticas, nucleares...

Dá pra entender?

Que coisa... Eu não sei responder.

Frei insiste, docemente:

- O que que você faz?

Maya pensa, tentando ser clara:

- Eu? Faço física de alta energia. Estudo as partículas do átomo.

Frei olha fixamente para ela, quase apaixonado:

- Ent-ao conta.

Maya:

- O que?

Frei:

- O que você faz.

Ela pensa um tempo:

- Você ~~xx~~ entende de matemática?

Frei:

- Nada.

Maya:

- Sabe o que é a teoria da relatividade?

Frei:

- Já ouvi falar, mas não sei.

Maya Maya:

- Teoria quântica?

Frei ri:

- Também não.

Ela ri junto:

- Então não dá pra explicar nada.

Sabe o que é átomo?

Frei se anima:

- Ah-ha, isso eu sei. Átomo, em grego, quer dizer: "aquilo que não pode ser dividido"

Maya, desconfiada:

- E em física?

Frei pensa, tenta acertar: - A menor partícula da matéria....?

Frei se senta na cama, saindo de quadro. Maya faz uma careta:

- Não. Isso é a coisa mais antiga que existe.

Ela se senta também.

599.Frei sentado diante dela de pernas cruzadas, ela ajeita o travesseiro e enquanto fala acende um cigarro novo no tóco do velho:

- Foi a primeira idéia do átomo.

Os átomos eram uns tijolinhos, todos iguais que serviam pra construir tudo o que existia no ~~mund~~ mundo.

Mas agora o átomo é composto de um núcleo...

Frei interrompe, sabido:

- ... como um sol e os elétrons girado em volta como uns planetinhas. Até aí eu sei.

600.Maya fuma, casual familiar, em seu terreno:

- Então, o que se estuda agora é a estrutura do núcleo do átomo. O núcleo também é composto. Tem ~~um~~ um próton e um nêutron... E nem essas partículas são inteirinhas feito uns tijolinhos.

Por causa da teoria da relatividade, que eu não vou explicar o que é...

601.Frei ri, rosto apoiado na perna dobrada, acariciando a perna de Maya que fala off:

- ... se descobriu que essas partículas do átomo são padrões dinâmicos...

Tsh, como ~~xxxxx~~ é que eu vou explôcar?...

602.Confusa, Maya tenta achar uma fórmula inteligível e simples:

- As partículas do átomo são como uns pacotes de energia que formam estruturas...

603.Frei ajuda, animado:

- Sei. Como caleidoscôpio.

604.Maya ri, animada, ansiosa por ser clara, impaciente:

- Isso.As partículas do átomo estão sempre em movimento, em atividade formando umas figuras que são os núcleos. São essas formas que fazem uma coisa parecer sólida, material... Mas não é nada disso. A matéria é uma ilusão.

Tã entendendo?

605.Frei sorri, amoroso para ela, faz que sim com a cabeça, curtindo a agitação dela.

606.Maya procura as palavras, falando rápido, séria:

- Os átomos são compostos de partículas,

~~xxxxxxx~~

mas essas partículas não são feitas de nada material.

A teoria quântica, que eu também não vou explicar, mostra que essas partículas são só processos de energia, não são nada sólido.

O que dá forma pras coisas é a relação, a troca de um átomo pro outro, a harmonia entre as partículas...

Ela faz uma breve pausa, olhando para Frei, concentrada, os olhos brilhantes. Estende as mãos para fora de quadro.

- Quer ver... fecha os olhos.

PAN pelos seus braços até close de Frei, os olhos tapados pelas mãos dela, cigarro entre os dedos. Maya off:

- Veja o céu.

Ela tira as mãos. CAM ~~XX~~ se aproxima ainda mais num close de Frei, olhos fechados, mergulhando por seu rosto até escurecer totalmente.

607. No escuro se acendem lentamente as estrelas, enquanto a voz de Maya prossegue off, cada vez mais calma, mais poética, as imagens celestes se sucedendo, ilustrando o que ela vai dizendo com imagens cósmicas:

- Estrelas, milhões de estrelas... E nuvens de gás, voando, se contraindo, esquentando... até formar uma bola de fogo girando no céu, girando, girando, soltando matéria que também gira, gira até formar os planetas girando em volta da estrela.

Milhões e milhões de estrelas, de sóis com os seus planetas, nascendo, morrendo, queimando, se apagando, se juntando em galáxias que também giram...

Tã vendo a via Láctea? Um disco enorme de estrelas e gás girando no espaço.

Cada estrela com o seu movimento, girando dentro da galáxia que também está girando dentro do universo que também não tá parado, se expandindo, se expandindo como um balão imenso. Cada coisa com o seu movimento, com o seu processo, tudo se transformando sempre, sem parar, como uma dança, uma dança gigantesca, enorme. Ou então uma

dança bem pequenininha, cem mil vezes menor que o núcleo, a dança das partículas do átomo, cada uma com o seu processo também...

608. Grande close de Frei que abre os olhos súbitamente, perplexo, um flash na cabeça, diz em voz baixa:

- O pequeno dentro do grande e o grande dentro do pequeno...

Maya entra em campo e beija-o na boca, dizendo baixinho:

- Não é lindo? Eu adoro física...

Frei se recompõe imediatamente, olha para o rosto dela muito próximo do seu, sorri, malicioso:

- Eu também.

Abraçam-se rindo e caem para fora de quadro. PAN discreta para a televisão que se acende de repente e fica mudando de canal sem parar.

SEQUENCIA 41

609.0 quarto na penumbra de de manhã. Maya e Frei na cama. Ele dorme, ela se levanta, senta-se à beira da cama, preguiçosa, apanha um cigarro, acende. Curva-se apanha ~~maxzaxxzxz~~ a camiseta de Frei do chão, veste-a atrapalhando-se com o cigarro aceso que tinha na boca. ~~xx~~ Levanta-se, PAN com ela que pega uma escova de cabelos no caminho e sai do quarto ~~x~~ escovando os cabelos.

610. Sentada à pequena mesa da pequena sala do apartamento muito claro, Maya toma café da manhã, folheando uma revista, distraída, a perna esticada por cima da cadeira ao lado. Ela levanta a cabeça e olha na direção do ruído.

611. Frei aparece na porta, os olhos ainda quase fechados de sono, avança pela sala como um zumbi, mas com rumo absolutamente definido, rápido, PAN com êle. Ele chega até Maya e beija-a, agarrando-a. Ela ri, abraçando-o também, brincando.

611. Os dois se abraçam, Maya ri muito, mas aos poucos se entrega à excitação. Eles trepam fogosa e rapidamente, em cima da mesa de café, derubando louças pelo chão.

612. Close dos dois que gozam no meio das louças quebradas. Frei relaxa o corpo sobre Maya e crava o ombro num caco de chícara. Solta um gemido alto e levanta-se saindo de campo. Maya sai de campo também apressadamente.

612. Frei rola sobre o tapete no chão, a mão no ombro, sangue entre os dedos, gemendo baixo e dizendo:

- Ai, ai, eu vou morrer. Todos os meus átomos tão saindo por aqui. Meus prótons, meus elétrons, meus méson-pi, ai, ai...

Enquanto ele choraminga, Maya entra em campo rindo, lutando com ele para conseguir passar o mertiolate no ferimento, cobre-o com dois band-aid enquanto Frei fica abandonado no chão, gemendo de frescura. Maya termina o curativo e fica sentada encaixada nele. Os dois se olham. Frei a puxa para ele:

- Porque é que você tem de ir embora?

Maya não responde, séria. Ele insiste:

- Porque, han?

Ela responde baixinho:

- Você sabe porque.

Frei insiste, baixinho, roçando o rosto nela:

- Vem estudar aqui...

Séria, incomodada ela sussurra:

- Não.

Frei rola abraçado nela, fica por cima. Levanta a camiseta dela, apanha o vidro de mertiolate e começa a desenhar na barriga dela.

Ela protesta, rindo de novo:

- Que que é isso? Que que você tá fazendo?

Frei ocupado em pôntar a barriga dela:

- Fica quieta. Tô botando a minha marca em você.

Ele dá mais duas ou três pinceladas e deita-se sobre a pintura molhada, Maya rindo e protestando:

- Que foi? Que é que você fêz?

Frei levanta de cima dela com a equação de Einstein invertida na barriga, em vermelho: $E=mc^2$. Maya ri muito, olha a própria barriga.

- Você sabe o que é isso?

Frei, deitando ~~xxx~~ ao lado dela:

- Não tenho a menor idéia. Já vi muito mas não sei o que é.

Maya ri, passa a mão pelo rosto dele:

- É a equação de Einstein. O Einstein você sabe quem é?

Frei faz a cara mais conhecida do Einstein, esticando a língua pra fora. Os dois riem. Frei pergunta:

- O que que é?

613. Close de Maya:

- Você sabe o que é massa e energia?

Close de Frei olhando para ela, deitado de bruços, o corpo suspenso nos cotovelos:

- Massa é o corpo. Energia é a alma.

614. Ela sorri:

- Poético, mas muito pouco científico. Olhe aqui.

PAN para a barriga dela. Ela aponta com o dedo para as letras escritas em vermelho:

- A energia contida numa partícula, por exemplo, é igual à massa da partícula, m , vezes o quadrado da velocidade da luz, c^2 .

PAN continua pelo tapete até enquadrar Frei em close, ouvindo atento e sorridente. Maya prossegue:

- Quer dizer, a massa, a matéria é apenas uma forma de energia. Ela não é tijolinho, ~~é~~ nem bolinhas indetrutíveis. A matéria é uma forma de energia que pode ser transformada em ~~as~~ outras formas de energia.

615. Maya deitade de costas no chão, fala interessada, passando a mão pela barriga, Frei a seu lado, ouve atento.

- E a energia pode ser transformada em matéria.

É o conceito de "campo quântico".

CAM aproxima-se lentamente ~~de~~ de Frei enquanto ela continua falando, imersa em si mesma:

- Isto é, um campo de energia eletromagnética que pode tomar a forma de partículas. O conceito clássico de partículas sólidas, de tijolinhos de matéria no espaço vazio desaparece. ~~é~~ A matéria é constituída de regiões no espaço onde o campo é muito, muito intenso. Não existe mais campo e matéria, o campo é a única realidade.

Já em close, Frei tem uma forte reação, como se algo lhe brotasse do fundo da memória, transtornando-o e transformando-o e diz, baixo:

- Tudo é um.

SEQUENCIA 42

616. A porta do estúdio de Indio se abre, Frei entra.

617. A mulher de Indio que atirava dardos no retrato de Descartes se volta para olhar. Indio, que lia jornal nas almofadas, levanta a cabeça.

618. Frei ~~xxxxxxxxxxxx~~ sorri, cumprimentando, mas sente algo no ar e estaca.

619. Indio e a mulher trocam um olhar. Indio se levanta.

620. Frei avança um passo:

- Que que foi?

621. Indio chega ao lado da mulher, os dois olham para Frei. Ela diz, depois de certa hesitação:

- Tua mãe.

622. A moto corre a toda velocidade pela rua vazia, Indio, Frei e a mulher sobre ela. Longo TRAV acompanha os três.

SEQUENCIA 43

623. Cemitério moderno, muito claro e aberto. Frei caminha à frente, muito apressado, Índio e a mulher um pouco atrás.

624. Frei estaca e olha para cima. Índio e a mulher chegam até ele e param também, olhando.

625. Prédio do forno crematório: uma coluna de fumaça azulada se eleva para o céu.

626. Frei contrai rosto, misturando tristeza e ódio e sai de quadro. Índio e a mulher cruzam o quadro rapidamente.

627. Interior muito amplo, vazio, branco. Um grupo de pessoas vestidas de preto, o prior-padrasto no centro.

Frei entra em campo e caminha rapidamente para eles. TRAV acompanha-o até parar diante do prior,

628. Frei e prior frente a frente. Num falso gesto paternal o prior poussa a mão no ombro de Frei. Frei desvia o corpo com gesto brusco, tirando a mão. Fala muito baixo, muito intenso:

- Você matou minha mãe.

As pessoas ao fundo se entreolham, se afastam um pouco. Frei aos poucos, à medida que fala, se exalta:

- Você mata tudo que é bom, que é limpo e natural. Corroído por essa vontade de poder. Esse poderzinho reles, mixuruca de mandar. De arrumar tudo direitinho nas tuas categorias miúdas, medrosas, mentirosas. Você mente. Você é uma mentira. Por baixo de toda essa tua autoridade você é uma fraude. Que vive de ~~se~~ iludir, primeiro você mesmo, depois os outros. Um conservador ~~de~~ que tem medo. Você respira medo e quer impor teu medo pros outros.

☒
☒☒

Um senhor tenta afastar Frei, mas é repellido por ele, violento.

- Esse medinho sujo e bêsta que você tá sentindo agora. Que você tinha da minha mãe, que você tem de mim. que você tem tudo o que é de verdade, de tudo o que é natural. Você matou ela. Mas pra você não chega matar Você tem de queimar e destruir pra não deixar pista, seu frouxo de merda.

☒

Furioso, Frei esgarra na cara do prior.

Ficam ambos hirtos um instante, se encarando.

629. Posando de superior o homenzinho apenas aperta os lábios, controlan-

a raiva. Com gesto lento e posado, retira o lenço do bôlso e limpa o cuspe que escorre na cara.

Rápida PAN para Frei. O gesto lhe parece como uma provocação.

~~xxx~~ A CAM ~~se~~ afasta rãpidamente enquanto Frei agarra o prior pelos colarinhos e esbofetei^{seu} ~~o~~ rosto. Os senhores avançam, Indio intervem e impede que eles apartem.

630. Frei começa a bater no homenzinho, com enorme fúria, castigando-o. O prior não reage, cobrindo a cabeça com os braços.

CAM acompanhando de ~~xxxx~~ perto toda a agitação.

Frei bate, bate, bate. De repente pára e olha o homem.

631. O prior de joelhos diante dele, suspenso pelo paletô, uma imagem da miséria.

632. Frei olha perplexo para ele. Olha em volta.

633. De seu ponto de vista: as pessoas imóveis, Indio e a mulher olhando para ele, cúmplices. Indio sorri.

634. Frei torna a olhar o prior. PAN para o prior no chão. Frei o solta, Ele se apõia na mão. PAN rãpida para Frei que olha o prior e ri. Frei se volta, rindo alto. Afasta-se pela sala, lentamente dominado por um ataque de riso.

PAN com ele que se afasta pela sala grande, às gargalhadas.

Indio e a mulher entram em campo e caminham na mesma direção.

635. A porta do forno crematório se abre e a bandeja com cinzas se projeta para fora.

SEQUENCIA 44

- 635. Num estranho estado de exaltação, profundamente mergulhado num nível profundo de consciência, Frei caminha na rua. Anoitece. Passa diante de paredes pixadas com frases.
 - 636. Os carros correm com as luzes já acesas, na agitação do sábado à noite.
 - 637. Frei caminha e olha em tórno.
 - 638. As luzes da Av. São João coloridas, anunciando tudo.
 - 639. Frei atravessa a rua no meio dos carros parados num sinal fechado. Olha os carros.
 - 640. De seu ponto de vista: CAM passa entre os carros, os mais variados grupos de pessoas ~~dentro~~ dentro deles, olhando para a CAM.
 - 641. Frei caminha na rua e olha de lado.
 - 642. Porta de cinema com a multidão que sai e a fila que espera para entrar.
 - 644. CAM caminha pela rua, no meio dos bandos de pessoas indo e vindo.
 - 645. Frei caminha na noite, olhando em tórno.
 - 646. TRAV pelos bares com mesas nas calçadas, cheias, todo mundo conversando, agitado.
- 645xMzixexakzaxExekzandaxporxomaxvmaxmzixzmaxixx
 646xBzndozzdezkraxexzixomozzezqdknzxpzzndozdazpdkaxzãxexpezaxvma
 zxxzdezaxxvzxadaxãxjzndezdexomzazkzoz
 647xExekzãthaxazkuzexx
- 648. Restaurante cheio, as pessoas comem, um grupo de música cantando de mesa em mesa.
 - 648. Porta de discotêque, o som ensurdecedor chegando até a rua.
 - 649. Frei olha atento.
 - 650. Um grupo muito jovem que sai da discotêque ainda dançando, rindo, brincando.
 - 651. Frei pãra numa esquina e olha em tórno.
 - 652. PAN circular de seu ponto de vista: luzes, carros, gente, tudo agitado. CAM continua passando por tudo até enquadrar o céu: sem estrêlas para acompanhar, a lua brilha, sôzinha.
 - 653. O túnel 9 de julho. Frei caminha em direção a ele e entra.
 - 654. TRAV acompanhando Frei que caminha pelo túnel, debaixo do ruído ensurdecedor dos carros. Ele tapa os ouvidos, caminha mais depressa. Corre, mãos nos ouvidos, gritando forte sobre os rugidos dos motores.
 - 655. Saída do túnel: Frei sai correndo muito depressa, tirando as mãos dos ouvidos, rindo, aliviado, descarregado.

656. Ofegante, rindo ele se ~~xxxx~~ encosta para descansar. Olha.
657. Um enorme caminhão de lixo recolhe as pilhas de sacos de lixo. CAM fecha lentamente para a m^o que gira, moendo os restos.
658. Frei caminha na rua na noite alta, mais leve, uma estranha espécie de sorriso fixa no rosto.
659. TRAV pela rua, diante das boites, filas de putas, s^ozinhas e em grupo, esperando. Alguns carros parando para elas.
660. TRAV por um grupo de travestis parados na esquina, fazendo muita frescura à medida que a CAM passa.
661. Frei caminha na rua, apressado, cheio de vigor. Passa diante de uma parede pixada, chuta uma lata de spray e vai chutando a lata e caminhando, brincando.
662. Frei se abaixa, apanha a lata de spray, sacode-a junto do ouvido. Está cheia. Ele experimenta, solta um jato de spray no ar.
663. A bôca do túnel na praça Roosevelt, a noite já mais calma lá fora. Frei vem descendo pela rampa, passa pela CAM que gira com ele. Frei pára à calçada, olha de um lado e de outro, o túnel vazio. Atravessa a pista, passa entre as colunas e chega ao outro lado.
663. Frei pára diante da parede, olha a parede, passa a mão por ela. Morde a língua numa expressão marota, perplexa e deslumbrada e começa a escrever com spray na parede. CAM se aproxima mais de seu rosto. Leve, feliz como um menino que faz malandragem.
664. A parede suja de fuligem tomando toda a tela: TRAV pelas palavras que Frei escreveu, numa única frase, longa interminável.

SOMOS CROMO SOMOS SIGA SÔ SUA CABEÇA AUTORIDADE MATA A LIBERDADE

LIBERDADE É A FORÇA DENTRO DE CADA UM CADA UM É UM. E É TODOS.

MATE O MEDO O MÊDO É O INIMIGO O FILHO DO PODER O PAI DO FRACASSO

A MORTE É O MEDO DA MORTE

~~XXXXXX~~

o TRAV termina sobre Frei que ainda escreve a última palavra, alguns carros passam em primeiro plano. Um vulto de um mendigo se aproxima de longe.

665. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Close de Frei que olha a parede, sujo de fuligem e de tinta, suando, exaltado, olhos brilhantes. Ele para um instante e pensa, off:

- Como um homem das cavernas eu deixo aqui a minha marca. Eu sou um homem. Vivo.

CAM corrige para suas mãos: uma delas contra a parede, a outra cobrindo-a de spray. Frei tira a mão: a marca dela ficou estampada na parede.

666. Frei limpa a mão nas calças. Parada a seu lado uma mendiga imunda, arrastando panos velhos, vestidas de trapo, imunda, ~~de~~ observa. Frei se volta para ela.

667. A mulher que olha a parede, rindo e olha para Frei, o olhar de quase louca, como um bicho.

668. Frei olha a mendiga, sorrindo, cheio de energia, triunfal.

669. A mendiga olha Frei com seu olhar estranho e se aproxima dele.

PAN com ela que se põe diante de Frei, muito próxima. Ela larga os trapos no chão e num gesto inesperado puxa a gola da roupa revelando o seio esquelético, imundo, enegrecido. Estende uma mão e toca o peito de Frei pela camisa aberta. Chega mais perto. Frei imóvel, fascinado, espera, passivo. A mendiga, cautelosa e ousadamente se chega a ele e encosta o corpo em seu corpo. CAM se aproxima mais dos dois num momento de suspensão. Os olhos de Frei brilham mais, sua expressão se transforma. Súbitamente ele abraça com força o corpo arruinado da mulher, com enorme intensidade, um abraço de verdade, de corpo e alma. E vira-a encostando na parede.

670. CAM do lado oposto do túnel. De pé, ~~contra~~ contra a parede Frei trepa com a mendiga longamente. Dois carros passam em primeiro plano, um longo intervalo entre eles. Os gemidos da mulher ecoam pelo túnel vazio.

A trepada termina e ficam assim abraçados. Um carro de polícia vem devagar junto da calçada. Para diante deles. Três homens descem. Agarram Frei, que não resiste. Têm de fazer força para libertar o abraço. ~~Dois~~ Dois deles levam Frei para o carro, um deles empurra a mendiga que fica encostada à parede. A zoom fecha lentamente sobre ela enquanto colocam Frei no carro.

O carro de polícia dá partida e sai de campo. CAM continua avançando para a mendiga. Ela está absolutamente transformada, o rosto molhado de ~~lágrimas~~ lágrimas, cobre a boca com uma mão, investida de enorme dignidade, plena de amor de verdade, lúcida, consciente. Ela escorre pela parede e cai sentada no chão, chorando.

SEQUENCIA 45

671. Pequena cela de delgacia, abafada.

Vê-se parte das paredes laterais: na da esquerda um colchão velho e esburacado jogado no chão, na da direita, desenhos e frases. Na parede do fundo, que fecha o quadro, uma pequena janela central, gradeada. Amanhece escuro lá fora.

Frei está de cuecas, sujo, sentado no chão, ~~na~~ costas apoiadas na parede da direita.

CAM avança lentamente para ele através das grades, atravessando-as até close de seu rosto. Sujo, cansado, com toda a aparência de decadência sua expressão é viva, iluminada. ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ Ele pensa, off, titubeante, as palavras chegando a longos intervalos:

- Sou corpo.... mente... coração....
e uma vontade.

Eu e o cosmos uma coisa só...

Tempo, espaço, massa, energia, corpo,
alma uma grande fôrça só, única, inteira,
brilhando, forte, como um fogo que nunca
apaga.....

Ele fecha os olhos, respira fundo, gira a cabeça lentamente, sorri para si mesmo. Abre os olhos, diz baixinho, pra si mesmo:

- Quando a gente descobre um sentido pra
vida, nada mais ~~xxxxxxxxxxxx~~ importa,
porque tudo é importante.

A morte é um fato sem importância.

A morte.. é bemvinda.

Ele fecha os olhos e murmura baixinho:

- Bemvinda.... bemvinda....

E continua, cada vez mais baixinho e ~~xx~~ ritmado acompanhando a respiração:

- Bemvinda, bemvinda, bemvinda, bemvinda....

A CAM mergulha em seu rosto, ouve-se o vento começando a zunir, distante.

672. No escuro total a Morte flutua, a longa e imensa capa esvoaçando, o alfanje de prata brilhando na mão, aproximando-se.

673. A cela, janela noturna ao fundo, Frei ainda sentado no chão, a cabeça pendida para trás. Lentamente uma imagem se materializa diante dele: A Morte coberta com seu grande manto e capuz, o alfanje na mão. Frei abre os olhos, lentamente se põe de pé, coloca-se diante da Morte, a expressão levíssima de um transporte místico.

